

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

A GUERRA DO PARAGUAI SEGUNDO OS LIVROS DIDÁTICOS

FERNANDO DOMINGUES DE FARIA

1957

S. 15  
(2)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
Centro de Documentação e Pesquisa em  
História - CDHIS  
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão),  
Av. Universitária S/Nº  
Cep 38400-972 - Uberlândia - M. G. - Brasil

FERNANDO DOMINGUES DE FARIA

A GUERRA DO PARAGUAI SEGUNDO OS LIVROS DIDÁTICOS

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Professor Ms. Leandro José Nunes.

Uberlândia, Junho de 2004.

FERNANDO DOMINGUES DE FARIA

A GUERRA DO PARAGUAI SEGUNDO OS LIVROS DIDÁTICOS

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. MS. Leandro José Nunes - Orientador

---

Prof: MS. Luziano Macedo Pinto

---

Prof.(a). MS. Jorgetânia da Silva Ferreira



## **Agradecimentos**

Agradeço ao Prof.Ms. Leandro José Nunes pela suas orientações nos momentos de dificuldades para finalização deste trabalho.

## Resumo

O presente texto é resultado de um trabalho de pesquisa iniciado no segundo semestre de 2003 no Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia.

Nesta pesquisa, nosso objetivo foi analisar as formas como são narradas, nos livros didáticos de história, as causas e as conseqüências da Guerra do Paraguai, bem como é apresentada a imagem de Francisco Solano López.

Sabemos que existem várias versões sobre a Guerra do Paraguai, e as primeiras versões aparecem na segunda metade do século XIX nas narrativas dos escritores militares.

Nessa primeira versão, chamada Historiografia Tradicional, os escritores têm como proposta mostrar que a Guerra do Paraguai foi causada pela Ditadura de Solano López no Paraguai e a Tríplice Aliança seria o agente civilizador da América Latina, livrando o povo Paraguaio do sanguinário ditador e devolvendo a paz e o equilíbrio para a Região do Rio da Prata.

Essa versão tradicionalista sobre a Guerra do Paraguai vai aparecer nos livros didáticos brasileiros até os anos 1980. O seu conteúdo vai ser caracterizado principalmente por meio de uma responsabilização de Solano Lopez pela Guerra do Paraguai e enaltecimento dos chefes militares da Tríplice Aliança.

Outra versão para a Guerra do Paraguai surge a partir de final dos anos 1950 e início dos anos 1960, chamada Historiografia Revisionista, com a proposta de fazer uma releitura da Guerra do Paraguai na qual Solano López seria um líder progressista que modernizou seu país, no entanto fora vítima da Tríplice Aliança influenciada pelo capitalismo britânico.

Essa versão somente vai aparecer nos livros didáticos a partir dos anos 1990, pois nos períodos anteriores o Brasil vivia sob o governo de regimes militares e o revisionismo possui em sua proposta um questionamento da atuação dos chefes militares brasileiros na Guerra do Paraguai.

Nosso trabalho não chega a conclusões definitivas, mas nosso objetivo é identificarmos os discursos sobre a Guerra do Paraguai veiculados nos livros didáticos, e através de um estudo minucioso possamos ter uma leitura mais crítica dos livros didáticos atualmente muitos utilizados em escolas do sistema educacional.

## Sumário

Introdução.....	4
Capítulo 1. As Causas da Guerra do Paraguai segundo os livros didáticos.....	7
Capítulo 2. A Construção da Imagem de Solano López segundo os livros didáticos.....	19
Capítulo 3. Conseqüências da Guerra do Paraguai segundo os livros didáticos.....	25
Considerações finais .....	32
Bibliografia.....	33
Anexos.....	37

## Introdução

O objetivo deste trabalho de pesquisa é investigar as formas como são narradas, nos livros didáticos de história, as causas e as conseqüências da Guerra do Paraguai, bem como é apresentada a imagem de Solano López.

Sabemos que o livro didático é o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, sendo um produto de maior divulgação junto aos brasileiros que têm acesso a educação escolar. Porém, segundo Nicholas Davies<sup>1</sup>, "este, engendra-se a serviço das classes dominantes interessadas em produzir indivíduos para a ordem capitalista."

Neste sentido, é extremamente necessário, compreender criticamente como a história é narrada, quais os autores que servem de referência para os conteúdos tratados, que interesses ideológicos de classe são ocultados ou explicitados em narrativas aparentemente neutras, só assim estaremos denunciando o caráter ideológico que este assume, mesmo porque a imensa maioria dos professores de história encara seu conteúdo como neutro, sem caráter de classe.

Se os livros didáticos são o único material a que professores e alunos têm acesso, corre-se o risco de reduzir o processo educacional a uma mera instância de reprodução dos valores fundamentais do sistema.

Os livros didáticos devem ser utilizados com flexibilidade e censo crítico. Devem ser considerados como um roteiro básico de estudos, cujos temas precisam ser ampliados e discutidos.

A aprendizagem reflexiva da história requer que o aluno descubra que este livro, ou qualquer outro, não é um lugar para todas as respostas. Por isso, é necessário que ele faça muitas perguntas, suscite inúmeras questões e cresça na tentativa de resolvê-las.

Os livros didáticos pesquisados para realização deste trabalho foram encontrados em grande número no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia, o que muito facilitou nossa pesquisa.

---

<sup>1</sup> DAVIES, Nicholas. Livro Didático de História : Ideologia dominante ou Ideologias contraditórias. In: Cadernos de História. Uberlândia: EDUFU, 1994, p. 27-40



Ao estudarmos a Guerra do Paraguai nos livros didáticos, percebemos a existência de diferentes versões que são reflexos de determinadas correntes historiográficas.

As correntes historiográficas que discutem a Guerra do Paraguai são, em boa parte, pautadas em três correntes principais : a Tradicional, a Revisionista e uma terceira que possui uma leitura mais crítica do conflito.

Encerrado há 132 anos ao custo de milhares de vidas, o conflito já foi contado e recontado. Durante décadas, prevaleceu uma visão oficialista, que enaltecia a vitória brasileira.

No final dos anos 1950 e início dos anos 1960, porém, houve um reviravolta. Autores de esquerda passaram a interpretar os fatos sob a ótica marxista e inverteram os papéis do "bandido" e do "mocinho". O ditador paraguaio, Francisco Solano López, tornou-se uma espécie de visionário, corajoso defensor do progresso social na selva sul-americana.

Já a atuação do Brasil passou a ser descrita como vergonhosa. O país só teria ido à guerra por pressão da Inglaterra, a superpotência da época, e suas tropas teriam provocado um genocídio.

Atualmente existem historiadores que analisam essa guerra de forma mais crítica, rejeitando a interpretação de que o Imperialismo Inglês seria o responsável pelo desencadear da luta.

No entanto, estas análises mais críticas ainda não foram incorporadas pelos livros didáticos, que continuam, ainda hoje, majoritariamente reproduzindo as versões revisionistas.

A Guerra do Paraguai foi um momento decisivo na história do continente. Iniciada em dezembro de 1864, o conflito durou cinco anos e envolveu quatro países - Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai.

O maior ponto de discórdia entre os historiadores está nas causas que levaram a esse conflito. A versão marxista da guerra, defendida pelos chamados autores revisionistas, responsabiliza a Inglaterra pela destruição do Paraguai, insatisfeita que estava, com a autonomia que o país estava alcançando.

Dentre a bibliografia selecionada, uma obra teve grande importância para o desenvolvimento deste trabalho: foi o livro "Maldita Guerra", de Francisco Doratioto<sup>2</sup>, que propõe uma releitura da Guerra do Paraguai com base em amplas fontes documentais, além de realizar uma crítica à historiografia tradicional e revisionista.

Assim, com base nas fontes documentais e na bibliografia estruturamos o trabalho da seguinte forma:

No primeiro capítulo analisamos como são apresentadas as causas da Guerra do Paraguai segundo os livros didáticos de história, a partir da perspectiva da Historiografia tradicional, revisionista e crítica.

No segundo capítulo mostramos que os livros didáticos publicados nos anos 1950 até os anos 1980 mostram uma imagem de Solano López como um ditador ambicioso; no entanto a partir dos anos 1990, os livros didáticos passam a mostrar Solano López como um líder progressista e modernizador do seu país.

No terceiro capítulo analisaremos quais consequências da Guerra do Paraguai são apontadas, segundo os livros didáticos, para os países envolvidos no conflito.

---

<sup>2</sup> DORATIOTO. Francisco Fernando Monteoliva. Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo : Companhia das Letras, 2002. Este autor no livro "Maldita Guerra" conta uma nova história dos cinco anos da Guerra do Paraguai baseada em ampla pesquisa em fontes documentais.

## Capítulo I

### **Causas da Guerra do Paraguai segundo os livros didáticos**

Ao discutirmos, nos livros didáticos, quais explicações ele utiliza para as causas da Guerra do Paraguai, percebemos a predominância de duas correntes historiográficas : a tradicional e a revisionista. Nos livros didáticos pesquisados não encontramos nenhum texto que aponta as causas da Guerra do Paraguai de forma crítica.

Antes de mostrarmos como aparecem essas explicações para a Guerra do Paraguai nos livros didáticos, lembramos que a região da Bacia do Prata enfrentava uma instabilidade política desde a época da independência. O governo de Buenos Aires não havia se conformado com a fragmentação do antigo Vice-reinado do Prata, do qual faziam parte os territórios do Uruguai e Paraguai, que procuraram seguir caminhos independentes da política centralizada dos portenhos.

Os brasileiros, por seu lado, queriam liberdade de ir e vir sem obstáculos até a província de Mato Grosso, e, ainda desrespeitavam os limites de fronteira reivindicados pelos paraguaios.

Isolado no interior do continente, o Paraguai tinha como única possibilidade de saída para o mar, a descida pelo rio que lhe deu o nome ( Paraguai - rio que desce para o mar - denominação indígena).

Tal condição geográfica complicava a vida da sociedade guarani, ainda mais com brasileiros e portenhos interferindo nos dois lados do estuário; fatores que levaram os paraguaios a defenderem a independência da Banda Oriental, hoje Uruguai, diante das dificuldades de comunicação com brasileiros e portenhos, como tentativa de balancear o exercício do poder na bacia.

No início da segunda metade do século XIX, paraguaios e uruguaios assinaram acordo de defesa mútua : caso um fosse atacado o outro partiria em sua defesa. Os fatos caminharam de tal forma que com a intervenção brasileira e argentina na guerra civil uruguaia, no ano de 1863, as antigas discórdias vieram à tona.



O governo blanco de Aguirre, aliado dos paraguaios, vendo seu rival Venâncio Flores apoiado pelos dois poderosos vizinhos, partiu em desespero a pedir que o Paraguai colocasse em prática sua parte de um acordo assinado anteriormente.

Com o prosseguimento da Guerra Civil e com os apoiadores de Flores não aceitando intermediação de López, o Paraguai acelera os preparativos para a guerra, recrutando tropas, aumentando o arsenal, planejando estratégias.

Através do contato com a Europa, os últimos governantes paraguaios vinham modernizando sua infra-estrutura, implantando linhas telegráficas, estradas de ferro e até mesmo uma fundição de onde saía praticamente toda a produção metálica consumida pelos paraguaios.

A partir de sua independência em 1811, o Paraguai foi governado por Francia, um ditador que por mais de três décadas, procurou com afincado construir as características de identidade da sociedade paraguaia, aproveitando da maioria indígena da população e de seu costume com longos anos de disciplina jesuítica.

Francia fora obrigado a agir isoladamente diante da intransigência dos dois vizinhos maiores, que insistiam em não aceitar a independência do Paraguai.

O ditador procurou evitar a entrada de idéias estrangeiras, o que realizou atacando o ensino universitário e distribuindo uma educação primária massiva, inculcando na população desde criança suas referências de identidade com aquele país que se procurava formar.

O ditador adotou ainda, como estratégia, a expulsão de membros da oligarquia paraguaia que estivessem ligados aos interesses de Buenos Aires.

Francia promoveu uma espécie de socialismo de Estado, onde grande parte da produção ficava nas mãos do governo, que redistribuía de acordo com as condições do momento.

Formou as fazendas do Estado, denominadas de Estâncias de Lá Pátria, onde trabalhadores produziam diretamente para o governo, recebendo parte da produção e ainda os benefícios propiciados pelas ações do Estado, que procurou e conseguiu acabar com a fome e o analfabetismo naquele território que antes fora terrivelmente explorado pelos conquistadores escravistas.



Com a morte de Francia, assume o poder Carlos Antônio López, pai de Solano López, seu filho sucessor. Carlos Antônio começa uma política de abertura e modernização de seu país através do contato com a Europa, para onde manda seu filho para conhecer e fazer negócios, trazendo ainda de lá sua futura esposa que o acompanhou até a hora da morte.

Os López, em suas tentativas de abertura, esbarraram nos obstáculos impostos pelos vizinhos maiores, o que cada vez mais foi aumentando os descontentamentos do Paraguai, culminando na guerra que destruiu o país.

A Guerra do Paraguai foi uma das mais terríveis guerras da história do continente americano.

Dentro desse contexto é que perguntamos: como os livros didáticos de história vem veiculando o que eles apontam como causas desse conflito em suas publicações ?

Observamos a natureza parcial desses livros que não, ao retratar os diversos níveis de realidade, acabam por mostrar apenas uma parte, ou seja, uma visão explicativa para os fatos.

Na historiografia tradicional encontramos os autores que defendem a versão oficial dos vencedores a respeito das causas da guerra. Ou seja, para estes autores, Francisco Solano causou a guerra invadindo seus vizinhos, levando consigo todo o povo paraguaio a uma luta de vitória impossível, com a intenção de constituir um império no Prata sob o comando do seu poder supremo.

Essa historiografia tradicional procura justificar a destruição do Paraguai em nome da liberdade e da justiça, destacando os soldados da Tríplice Aliança como heróis que lavaram a honra de suas Pátrias .

Os escritores tradicionalistas escreveram suas versões sobre as causas da guerra reproduzindo as informações de uma documentação oficial. Essas abordagens das causas da guerra do Paraguai possuem um caráter factual, mostrando que a história é movida apenas por indivíduos com motivações pessoais e psicológicas e, não por personagens inseridos em grupos sociais com interesses divergentes de outros grupos.

Para esses escritores tradicionais, Solano López era a pura representação do terror na política latino-americana, um déspota que, por motivações pessoais, teria

efetuado uma política expansionista contra seus vizinhos. Como sua loucura, ocasionou sua própria morte e a do seu país.

Os livros didáticos pesquisados, publicados na década de 1950 até a década de 1980, possuem seu conteúdo na perspectiva de uma historiografia tradicional. Privilegiam as grandes conquistas territoriais e valorizam a atuação dos chefes militares da Tríplice Aliança.

Servem aos interesses das elites brasileiras desejosas de transformar essas lutas contra os estrangeiros na base de sustentação da brasilidade, do nacionalismo, que vinha naquele momento tornando-se o grande desafio político social da república do Brasil.

Os conteúdos dos textos didáticos escondem, em sua maioria, a dramaticidade do conflito em que se envolveram povos e regimes políticos extremamente diferentes.

Esses livros didáticos refletem o discurso da historiografia tradicional, utilizam conceitos de caráter político ideológico como Pátria e Nação, com o objetivo de mobilizar toda a sociedade para um mesmo objetivo. Ao utilizar esses conceitos, a historiografia tradicional buscava atender aos interesses do Estado e das classes dominantes em unificar ideologicamente todos os grupos sociais sob a "bandeira dos interesses nacionais", destinada a negar a legitimidade dos conflitos sociais no interior do Estado e a justificar uma intervenção militar no Paraguai.

A dimensão histórica desse trágico acontecimento não mereceu a devida atenção da historiografia oficial, por que esta se alinhava entre aqueles que possuem uma tendência a privilegiar a cultura de suas próprias sociedades.

Autores como Reinaldo Correia Moreira e o Visconde Taunay, escrevendo na segunda metade do século XIX enfatizaram a responsabilidade do Paraguai e, especialmente de Solano López, no desencadear do conflito.

Reinaldo Correia defende sua idéia através de uma visão parcial de como poderia o conflito ter sido evitado, dizendo o seguinte :

*"Quantas atrocidades, quantos atos de desumanidade, quantas injustiças, quantas barbaridades poderiam ter sido evitadas se a desmesurada egolatria de um tirano audaz não tivesse existido, ou se as suas qualidades de líder incontestado tivessem sido voltadas para a grandeza e o bem-estar de seus patrícios."*<sup>3</sup>

<sup>3</sup> MOREIRA, Reinaldo Correia. O Batalhão Laguna. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990. p. 21



Reinaldo Correia está situado entre as gerações daqueles que lutaram na guerra, iniciando a escrita das versões do conflito, atribuindo a Solano López toda a responsabilidade pelo desencadear da guerra, ao invadir o Mato Grosso, quer na destruição de seu país, quer pelos erros na condução das operações militares e na decisão de sacrificar os paraguaios, mesmo quando caracterizada a derrota, em lugar de pôr fim ao conflito.

Todos os livros didáticos publicados dos anos 1950 à 1980, construirão seus textos na mesma perspectiva daqueles autores que iniciaram já no século XIX as narrativas de determinadas versões do conflito.

O livro didático de Joaquim Silva, publicado na década de cinquenta, foi escrito sob influência da historiografia tradicional. Ao apontar as causas para a guerra do Paraguai, ele apresenta como causa básica a política de expansão implantada por López no Paraguai, mostrando que esta guerra foi anunciada com surpresa pois, apesar de existirem conflitos na região do Rio da Prata naquela época, o governo do Brasil até aquele momento tinha conseguido resolver pacificamente os conflitos de fronteira.

*"López armou fortemente o país, disposto a impor sua política expansionista. O Brasil não esperava um conflito: a questão das fronteiras do norte resolvia-se amigavelmente e a da navegação pelas águas do Paraguai já fora regulada por tratados..."<sup>4</sup>*

Apesar do livro didático responsabilizar Solano López pelo início do conflito, não podemos deixar de levantar as questões políticas entre os países na região do Prata, como os conflitos internos no Uruguai, as intervenções do Brasil interveio naquele país, o que provocou a discórdia com o governo paraguaio, que apreendeu o vapor brasileiro Marquês de Olinda que navegava pelo Rio Paraguai até o Mato Grosso.

Outro texto que também segue a mesma linha de construção argumentativa para apontar as causas da guerra do Paraguai é o livro de Tabajara Pedroso que foi publicado no início da segunda metade dos anos cinquenta, construindo seu texto mostrando inicialmente que existiam naquele período conflitos fronteiriços entre Brasil, Uruguai e Argentina.

---

<sup>4</sup> SILVA, Joaquim, História do Brasil, 8ª. série ginasial, 25ª. edição. São Paulo, Companhia das Letras, p. 218

O Paraguai somente vai entrar neste conflito após a intervenção brasileira no Uruguai. Segundo Tabajara Pedroso, as causas da guerra estão relacionadas à ameaça que o Paraguai representava na época para o equilíbrio daquela região, pois o Paraguai tinha construído um arsenal de guerra para colocar em prática sua política de conquistas territoriais. Segundo autor o Paraguai estava muito bem estruturado para alcançar seus objetivos expansionistas :

*"... O Ditador Paraguaio dispunha de um exército que vinha preparando havia vários anos. Tinha também construído várias fortalezas à margem esquerda do rio Paraguai e possuía fábrica de armas e munições. Pretendia apoderar-se do Rio Grande do Sul, Uruguai e parte da Argentina. Diante de tão grave perigo, os três países atacados organizaram uma aliança (Tríplice Aliança), cabendo o comando supremo a Bartolomeu Mitre, presidente da Argentina."<sup>5</sup>*

Na mesma perspectiva historiográfica de Tabajara Pedroso, na construção do discurso sobre as causas da guerra, apresentamos também o texto de Taunay e Dicamor, publicado em 1955, atribuindo ao Paraguai uma política de isolamento dos países vizinhos ao seu território, pois, tinha como objetivo tornar-se a maior potência militar e a mais poderosa nação latino-americana.

O trecho do livro didático de Taunay e Dicamor faz as seguintes referências as políticas expansionistas adotadas no Paraguai já no governo de D. José Gaspar Francia:

*"Seus sucessores, Carlos Antônio Lopez e Francisco Solano López , continuaram mantendo no país o mesmo regime político do caudilhismo, preocupando-se Solano Lopez (1862 -1870) com a transformação do país em grande potência militar, objetivando tornar-se o chefe da mais poderosa nação americana."<sup>6</sup>*

O livro didático, ao apontar como causas da Guerra do Paraguai apenas a política de caudilhos adotadas pelos governantes paraguaios não mostra os interesses dos outros países envolvidos no conflito, que também contribuirão para a sua eclosão.

Outro elemento que também aparece nos livros didáticos para sustentar essa perspectiva da historiografia tradicional, é, através da apresentação da Tríplice Aliança,

<sup>5</sup> PEDROSO. Tabajara. História do Brasil. Para a 1ª. série ginásial. 2ª. edição. São Paulo. Editora Saraiva, 1955. p. 78

<sup>6</sup> TAUNAY & DICAMOR. Alfredo D' Escrangnolle e Dicamor. História do Brasil. História do Brasil para o terceiro colegial. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1955. p. 910



formada por Brasil, Argentina e Uruguai, é apresentada como a libertadora do povo paraguaio das penúrias do regime ditador de Solano Lopez

Esta versão da Tríplice Aliança, típica da versão tradicional da historiografia, reforça a responsabilidade de Solano López, como causador da Guerra. Por outro lado, serve também como justificativa moral para a guerra que teria sido travada contra o ditador, não contra o povo paraguaio, também vítima das loucuras lopistas.

A partir da década de 1960, surgiram escritores com posições discordantes da historiografia tradicional, propondo-se a fazer uma releitura das causas da Guerra do Paraguai. Intelectuais nacionalistas e de esquerda do Rio da Prata, se apresentaram com posturas populistas, mostrando o Paraguai pré-guerra como um país progressista, onde o Estado teria proporcionado a modernização do país e o bem-estar de sua população.

Nessa perspectiva Brasil e Argentina seriam os causadores do conflito em consequência da manipulação da Inglaterra para destruir e aniquilar o desenvolvimento autônomo paraguaio.

No Brasil, esses escritores aparecem no contexto dos regimes políticos militares, e a forma de lutar contra o regime autoritário dos militares era minando suas bases ideológicas, denunciando a ação imperialista, e criticando o desempenho dos chefes militares brasileiros em suas atuações na Guerra do Paraguai.

Segundo a Historiografia Revisionista, a Guerra do Paraguai foi uma consequência da influência dos interesses oficiais da Inglaterra, que via a experiência do Paraguai como ameaça aos interesses britânicos de domínio na América Latina, já que a suposta autonomia paraguaia serviria como mau exemplo na visão dos Ingleses, podendo influenciar outros países a seguirem o mesmo caminho.

O revisionismo sobre as causas da Guerra do Paraguai explicava também que essa era fruto do confronto entre duas estratégias de crescimento: a paraguaia, sem dependência dos centros capitalistas; e a da Argentina e do Brasil, dependente do ingresso de recursos financeiros e tecnológicos estrangeiros.

Para o revisionismo, estes dois países teriam sido manipulados por interesses da Grã-bretanha, maior potência capitalista da época, que tinha interesse em abrir um novo

mercado consumidor para seus produtos e um novo mercado fornecedor de algodão para as indústrias inglesas.<sup>7</sup>

Nessa perspectiva historiográfica, encontramos o autor Júlio José Chiavenatto que defende a idéia de que os interesses ingleses estavam no centro das causas da deflagração da Guerra contra o Paraguai.

Chiavenatto diz o seguinte:

*"... a luta não se travava contra brasileiros e argentinos, meras extensões imperialistas, mas sim contra o coração do capital Inglês, contestado em conteúdo dentro do Paraguai. Por isso estava determinada a guerra, a destruição total do Paraguai até o fim, mesmo que se tivesse de cometer, como se cometeu, um dos maiores genocídios que o mundo já viu."<sup>8</sup>*

Nesse sentido, os livros didáticos, reproduzindo o discurso da historiografia revisionista, fazem com que os estudantes acreditem que as histórias de seus países não possam ser construídas aqui, pois os países centrais tudo decidem sem podermos resistir

O livro didático "História das Cavernas ao Terceiro Milênio" reflete o pensamento do escritor revisionista Júlio José Chiavenatto. Ao abrir o capítulo sobre a guerra do Paraguai, com o título "Genocídio Americano", constrói a idéia de que os países da Tríplice Aliança provocaram na América a morte de milhares de pessoas e o Paraguai foi uma vítima do imperialismo inglês na América. O texto mostra ainda que, além de influenciar a guerra contra o Paraguai na América, o capital estrangeiro ainda saiu vitorioso nesse conflito promovendo a completa destruição do Paraguai.

*"Ao terminar a guerra, o Paraguai se encontrava totalmente arrasado. Perdera metade de sua população; velhos, mulheres e crianças representavam a grande maioria dos sobreviventes. O sonho de Francia, de basear o desenvolvimento paraguaio nas forças de seu povo, desaparecera juntamente com os sonhos de grandeza de Solano Lopez. O modelo de desenvolvimento dependente, financiado pelo capital estrangeiro e apoiado por material bélica estrangeiro, estava vitorioso em toda a América do Sul."<sup>9</sup>*

<sup>7</sup> DORATIOTO, Francisco. Maldita Guerra. Op. cit. p. 87

<sup>8</sup> CHIAVENATTO, Julio Jose. Genocídio Americano : A Guerra do Paraguai. São Paulo: Brasiliensi, 1979. p. 38

<sup>9</sup> MOTA & BRAIK. Myriam Becho e Patrícia Ramos. História das Cavernas ao Terceiro Milênio. Ensino Médio. São Paulo. Editora Moderna, 1997. p . 411



Seguindo o mesmo discurso revisionista, Piletti e Jobson afirmam em seu texto :

*"Durou pouco o equilíbrio econômico e financeiro. A Guerra do Paraguai (1865-1870) trouxe grandes despesas, financiadas principalmente pelos Ingleses, Brasil, Argentina e Uruguai uniram-se na Tríplice Aliança para lutar contra o Paraguai, no mais sério conflito externo de nossa história. O Paraguai sob o governo de Solano Lopez, havia se transformado no único país latino-americano que podia ser considerado livre de qualquer colonialismo. Diversificou sua agricultura, instalou uma flotilha de barcos para neutralizar o domínio brasileiro no Rio Paraná e transformou latifúndios improdutivos em fazendas estatais. A Independência econômica Paraguai representava um desafio para os ingleses, necessitados de mais mercados consumidores Brasil e Argentina tinham interesses em terras do Paraguai. Só faltava o pretexto para a guerra, fornecido pelo próprio Solano em 24 de novembro de 1864: ele rompeu relações com o Brasil, apresou o navio Marquês de Olinda e invadiu o Mato Grosso, tentando estabelecer soberania sobre a região do Rio Paraguai."*<sup>10</sup>

Seguindo esta mesma linha do discurso revisionista está Gilberto Cotrim que mostra que o conflito foi uma guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai porque este não se enquadrava nos objetivos do capitalismo Inglês.

*"Como o Paraguai não se enquadrava nos objetivos do capitalismo industrial inglês, ele representava um mau exemplo, que precisava ser destruído. Então o governo Inglês financiou a luta promovida pelo Brasil, pela Argentina e pelo Uruguai contra o Paraguai."*<sup>11</sup>

Gilberto Cotrim defende os textos escritos nos seu livros didáticos em entrevista realizada pela Folha de São Paulo, dizendo que não existem "verdades absolutas" quando se trabalha com história. Para ele, mais do que falar em "verdades", se fala em versões, e, diz ele, "apresento minha versão baseada em pesquisas acadêmicas".<sup>12</sup>

Dessa forma, os livros didáticos publicados à partir dos anos 1990 reproduzem teorias revisionistas, dizendo que a situação econômica interna do Paraguai possibilitava desenvolver sua industrialização a partir de suas próprias forças, com seus próprios recursos, sem depender dos centros capitalistas, a ponto de, supostamente tornar-se ameaça aos interesses da Inglaterra no Prata.

<sup>10</sup> ARRUDA & PILETTI. José Jobson e Nelson. Toda a História : História Geral e História do Brasil . 6ª. edição. São Paulo .Editora Ática, 1997. p .229 - 230

<sup>11</sup> COTRIM. Gilberto. Saber e fazer. História Geral e do Brasil. 7ª.série. São Paulo : Editora Saraiva, 1999. p . 146

<sup>12</sup> COTRIM. Gilberto. Entrevista á Folha de São Paulo, 09/06/203.

Segundo a historiografia mais recente, a análise das causas da Guerra do Paraguai efetuada pelo revisionismo não procede porque os projetos de infra-estrutura guarani foram atendidos pelos bens de capital ingleses e a maioria dos especialistas que os implementaram eram britânicos.

As manufaturas importadas pelo Paraguai chegaram a representar antes de 1865, 75% das importações, quase todas originadas de Buenos Aires, em operações controladas por comerciantes britânicos ali instalados.

Esses comerciantes concediam aos importadores paraguaios um crédito de oito meses para o pagamento das mercadorias..

Entre os autores que discordam da versão que culpa a Inglaterra como causadora da Guerra do Paraguai está Alfredo da Mota Menezes :

*"Quando tudo o que foi feito no Paraguai, como já se disse, no estaleiro, arsenal e ferrovia, foi por Whytead e a equipe de ingleses que trabalhava com ele. E tudo no fundo, estava ligado ao grupo Blyth na Inglaterra. (...) Se os britânicos temam uma futura competição naquela área, como é que eles mesmos estavam treinando e municiando seus prováveis competidores? Não havia nada que demonstrasse que a Inglaterra estava contra o Paraguai."*<sup>13</sup>

Alfredo da Mota não acredita que a Inglaterra tinha o objetivo de destruir o Paraguai, pois os Ingleses participaram da construção da infra-estrutura do Paraguai, minando assim os argumentos de revisionismo.

Outro autor que também questiona os argumentos dos revisionistas é Francisco Doratioto, mostrando como aqueles que viveram a guerra nas diferentes frentes de batalha, tanto aliados como paraguaios, lutaram por uma causa que lhes pareciam justa. Segundo esta visão historiográfica a Guerra do Paraguai foi fruto das contradições platinas, tendo como causa última a consolidação dos Estados Nacionais na região.

As contradições estavam em torno da Guerra Civil Uruguiaia, iniciada com o apoio do governo Argentino, e que contou com a intervenção o Brasil. Contudo isto não significa que o conflito fosse a única saída para a solução dos problemas regionais. A Guerra acabou sendo uma opção, pois interessava a todos os envolvidos em um conflito relacionado ao equilíbrio de poder na região.

<sup>13</sup> MENEZES. Alfredo da Mota. Guerra do Paraguai : como construímos o conflito. São Paulo: Contexto, 1998. p . 55



## Segundo Doratioto,

*"...Aqui não há bandidos ou mocinhos, como quer o revisionismo infantil, mas sim interesses. A Guerra era vista por diferentes ópticas : para Solano López era a oportunidade de colocar seu país como potência regional e ter acesso ao mar pelo porto de Montevideú, graças a uma aliança com os blancos Uruguaios e os federalistas Argentinos, representados por Urquiza; para Bartolomeu Mitre era a forma de consolidar o Estado centralizado argentino, eliminando os apoios externos federalistas, proporcionado pelos blancos e por Solano López, para os blancos o apoio militar paraguaio contra argentinos e brasileiros viabilizaria impedir que seus dois vizinhos continuassem a intervir no Uruguai; para o Império, a guerra contra o Paraguai não era esperada, nem desejada, mas, iniciada, pensou-se que vitória brasileira seria rápida e poria fim ao litígio fronteiriço entre os dois países e às ameaças à livre navegação, e, permitira depor Solano López."<sup>14</sup>*

As causas da Guerra do Paraguai estão inseridas em um contexto de diversos interesses dos países envolvidos, portanto culpar o expansionismo de Solano López estaríamos suprimindo os interesses dos outros envolvidos e retirando responsabilidades da Tríplice Aliança, colocar o Imperialismo Inglês como causador principal também estaríamos fazendo uma análise superficial dos eventos que fizeram eclodir o conflito.

Concluimos este capítulo sabendo que existem divergências quanto às causas da Guerra do Paraguai nos livros didáticos publicados em diferentes épocas.

Percebemos também que nos livros didáticos que selecionamos não encontramos nenhuma postura mais crítica para explicar as causas da Guerra do Paraguai, as explicações ficaram todas na perspectiva da historiografia tradicional e da historiografia revisionista.

<sup>14</sup> DORATIOTO. Francisco. Op. cit p. 95-96

## Capítulo II

### A construção da imagem de Solano López segundo os livros didáticos

Após a morte de Solano López na batalha de Cerro Cora, em março de 1870, e até fins do século XIX, não se questionava que ele tivesse sido um ditador que lançou seu país em uma guerra imprudente contra os seus vizinhos mais poderosos.

A imagem de Solano López foi construída pelos vencedores, divulgada por uma historiografia que tratou de caracterizá-lo como um verdadeiro monstro da região platina. Foi amplamente utilizada nos livros didáticos, até aproximadamente os anos 1980, embora não seja raro ainda hoje, encontrar a mesma imagem.

Na década de 1950, esta caracterização do líder paraguaio como um déspota ambicioso, sem escrúpulos, devotado unicamente à construção de um pretenso "Grande Paraguai", domina os textos didáticos. Vejamos alguns exemplos:

*"...Francisco Solano Lopez, dinâmico e ambicioso ditador do Paraguai, Lopez herdara o governo do próprio pai (Carlos Lopez) e dirigia com mão de ferro o seu povo, muito acostumado a obediência e à resignação."<sup>15</sup>*

*"... O ditador Paraguaio dispunha de um poderoso exército que vinha preparando havia vários anos. Tinha também construído várias fortalezas à margem esquerda do rio Paraguai e possuía fábrica de armas e munições. Pretendia apoderar-se do Rio Grande do Sul, Uruguai e parte da Argentina."<sup>16</sup>*

*"... um sentimento de horror causado pela propositada crueldade de Lopez, sua fúria homicida, seu desprezo atroz e monstruosamente egoísta pelo bem estar de seu povo e por seus interesses."<sup>17</sup>*

*"Morrendo Carlos López, ficou no governo seu filho Francisco Solano López, déspota ambicioso, que sonhava formar um grande império, o "Paraguai Maior"...."<sup>18</sup>*

Ao mostrarmos os fragmentos dos textos didáticos acima detectamos que existe uma construção da figura de Solano López como um ditador ambicioso passando por

<sup>15</sup> LOBO. Haddock R. História Moderna e Contemporânea e História do Brasil. 4a. Série ginásial. São Paulo. Edições Melhoramentos, 1962. p. 280

<sup>16</sup> PEDROSO. Tabajara. Op. Cit. 78

<sup>17</sup> TAUNAY & DICAMOR. Op. Cit. p. 94

<sup>18</sup> SILVA. Joaquim. Op. cit. p. 216.-217



todos os textos. Essa construção da figura de Solano tem suas origens numa historiografia tradicional sobre a Guerra do Paraguai que inicia-se na segunda metade do século XIX. Mostra que a intervenção no Paraguai aconteceu porque o Paraguai representava naquele momento um problema para à Região do Rio da Prata.

Para que Francisco Solano López conseguisse atingir seus objetivos de construir o que ele chamava de "Paraguai Maior", era necessário que ele realizasse a anexação de terras de outros países vizinhos. Para conseguir seus objetivos, Solano López teria que enfrentar seus vizinhos no Rio da Prata.

Desta forma, estava eminente o perigo de eclosão de um conflito militar de grandes proporções no continente latino americano, o que veio a tornar-se, com terríveis conseqüências para os países envolvidos.

A historiografia tradicional, ao apresentar Solano López como um ditador ambicioso que provocou o conflito apresenta também, em contraposição, as figuras dos chefes militares da Tríplice Aliança, especialmente do Brasil, como táticos e eficientes, criando assim uma visão positiva da atuação desses militares.

Esta contraposição aparece claramente enunciada nos livros didáticos reforçando, de um lado o papel de vítimas da Tríplice Aliança e, de outro, a autoria da agressão. Isto também serve para criar a galeria de heróis da Pátria, tão necessários para a consolidação de um sentimento de nacionalidade:

*"Dois estrategistas revelaram-se na campanha ; O Duque de Caxias, comandante do exército imperial, e, após a retirada de Mitre, general de todas as forças aliadas; o Conde d'Eu, seu sucessor, durante a difícil fase final da guerra, a chamada campanha das cordilheiras. Chefes táticos, condutores de soldados, dedicados até a morte à causa que defendiam, foram inúmeros nos quatro grupos nacionais."*<sup>19</sup>

Para contrapor a essa imagem dos heróis militares, a historiografia construirá uma imagem de Solano López que possa atender ao contexto em que o Paraguai vivia no final do século XIX. O Paraguai era um país pobre do ponto de vista econômico, praticamente sem auto-estima do passado e carente de heróis.

<sup>19</sup> TAUNAY & DICAMOR . Op. Cit. p 94

Enquanto esta versão da história da Guerra do Paraguai continuava sendo apresentada como a verdadeira, no final dos anos 1950, iniciava-se no Paraguai um movimento de revisão da história, especificamente da figura de Solano López e sua atuação na guerra.

O Paraguai era apresentado como o país de déspotas e derrotados em uma guerra da qual fora agressor.

Ao mesmo tempo, a população necessitava da criação de heróis para conseguir levantar a auto-estima do povo paraguaio em relação as outras nações e apontasse para a superação da miséria do país.

Nessas circunstâncias os intelectuais viabilizaram o nascimento da historiografia revisionista da figura de Solano López, conhecido como lopizmo.

Esse movimento buscou transformar a imagem de Solano López de ditador, responsável pelo desencadear de uma guerra desastrosa para seu país, em herói, vítima da agressão da Tríplice Aliança e sinônimo de coragem e patriotismo.

Segundo Francisco Doratioto,<sup>20</sup> o responsável inicialmente por esse revisionismo Lopizta foi o escritor Juan Emiliano O' Leary no início dos anos 1950.

Mas, como entender a escolha de Solano López como herói paraguaio ao mesmo tempo que a família Lopez era herdeira de grande quantidade de terras públicas? A historiografia que reverencia López é silenciosa em relação a esse feudo Lopizta em terra públicas paraguaias.

Terminada a Guerra, os herdeiros de Solano Lopez entraram na justiça para recuperar terras que acreditavam ter direito no Paraguai, mas o governo Paraguaio declarou Solano López traidor, o que ocasionou o bloqueio dos bens reivindicados pelos herdeiros de Solano Lopez.

A construção da imagem de Solano López com herói paraguaio segundo Doratioto tem suas origens na luta dos herdeiros de Solano López em revogar uma decisão judicial que permitiria reaver bens que estavam bloqueados no Paraguai.

Para isso os herdeiros precisavam apagar a imagem negativa de Solano López na Guerra do Paraguai. Dessa forma aliaram-se à pessoas influentes no Paraguai para que

---

<sup>20</sup> A síntese do revisionismo aqui apresentada é baseada no texto de Francisco Doratioto. Maldita Guerra . p. 79



pudessem fazer uma campanha na qual fosse feita uma releitura das ações Solano López. Com isso poderia ser revogada a decisão judicial que daria direito novamente as terras bloqueadas no Paraguai.

Nesse contexto é que entra o escritor revisionista paraguaio O'Leary até então crítico de Solano López pelas atrocidades que este cometeu nos momentos de Guerra. Mas esse escritor por ambições financeiras junto aos herdeiros de Solano López entrou nessa campanha de reconstrução da imagem de Solano López no Paraguai

Nos anos 1960 e 1970 intelectuais nacionalistas de esquerda dos países do Rio da Prata também promoveram Solano López de tirano à líder antiimperialista e de agressor a vítima.

Para construir o discurso dessa nova imagem que seria dada à Solano López, o revisionismo apresenta o Paraguai do pré-guerra como um país liderado por um governo progressista, que teria proporcionado a modernização do país e o bem estar de sua população.

No entanto esse revisionismo não nos mostra que Solano López foi chefe militar incompetente. Porém esse fato foi compensado pela disciplina e combatividade do soldado paraguaio, mantidas que por sua bravura, que pelo clima de terror a que era submetido.

Os efeitos de tal incompetência minorados pela geografia paraguaia, dificultaram o avanço dos atacantes pelo desconhecimento aliado do espaço territorial das operações, pois não dispunham de mapas relativamente preciso do país, informações cruciais para ações militares; pelas dificuldades de abastecimento; pela falta de ousadia aliada; pelos erros dos chefes militares; e , ainda pela desconfiança entre eles

Como sabemos, entre os anos 1960 e início do anos 1980, o Brasil viveu sob uma ditadura militar. Neste contexto de repressão contra os movimentos sociais e movimentos políticos de esquerda , o revisionismo estava confinado a alguns títulos de divulgadores, publicados a partir dos anos 1970, como "As veias Abertas da América Latina, do Uruguai Eduardo Galeano (1978) e, o principal deles no Brasil, "Genocídio Americano : Guerra do Paraguai, de Júlio José Chiavenato (1979).

Para criar uma nova imagem para Solano López, os livros didáticos passam a apresentá-lo a partir dos anos 1990 como um herói, um presidente progressista que queria defender seu povo do imperialismo Inglês.

A América Latina passava por um processo de desenvolvimento e consolidação do capitalismo, que promoveu entre outras coisas o desenvolvimento dos meios de comunicação, a mobilização das massas buscando uma participação política em movimentos nacionais.

Ao lado disso, surgem também os socialistas que buscavam soluções para os graves problemas econômicos e sociais criados pelo capitalismo.

Dessa forma, era necessário criar também um discurso nos livros didáticos que promovesse uma consciência antiimperialista, que tinha como objetivo combater as desigualdades criadas pelo sistema capitalista.

Dentro dessa perspectiva de discussão é que os livros didáticos brasileiros construíram suas teorias para montar a imagem de "mocinho" de Solano López no contexto da Guerra do Paraguai.

Mário Schimidt em recente publicação didática mostra Solano Lopez como um líder progressista :

*"Solano Lopez, presidente do Paraguai, não queria que seu país enfrentasse uma situação como a do Uruguai, sempre ameaçado pela rivalidade entre o Brasil e a Argentina. Por isso, buscou fortalecer seu país. Estimulou a instalação de indústrias, criou escola, construiu estradas de ferro, encomendou navios a estaleiros ingleses e organizou um poderoso exército armado."*<sup>21</sup>

Shimidt constrói essa imagem de Solano López modernizador do estado Paraguaio. Porém existem autores como Moniz Bandeira que discordam desse discurso dizendo :

*"A modernização do Paraguai foi restrita aos aspectos militares, foi implementada com a importação de técnicos principalmente britânicos."*<sup>22</sup>

<sup>21</sup> SCHIMIDT, Mario. Nova História Crítica. São Paulo: Nova Geração, 1999. p. 193

<sup>22</sup> MONIZ, Bandeira. O Expansionismo Brasileiro e a Formação dos Estados da Bacia do Prata: da colonização à guerra da tríplice aliança. 2ª. edição. São Paulo: Ensaio: Brasília. DF : Editora da Universidade de Brasília, 1995. p. 17

Para Moniz Bandeira, a modernização do Paraguai não pode ser entendida em um sentido amplo, para este autor, essa modernização estava enquadrada dentro de uma especificidade.

A historiografia mais recente critica tanto a demonização da figura de Solano Lopez, quanto a sua transformação em herói.

Para a construção da imagem de Solano López como herói os escritos didáticos, atacaram as contradições internas do estado monárquico imperial reunido os elementos para construir seu discurso em defesa de Solano López como um líder progressista que modernizou seu país, ao contrário do Império Brasileiro que era uma monarquia escravista.

Ao expormos as contradições do Império, enfraquece-se o discurso de que a Monarquia era civilização e a república a "barbárie", pois, ao mesmo tempo que o Império criticava a forma republicana de governo teve que buscar aliança com duas outras repúblicas contra uma terceira república.

Dessa forma, os livros didáticos ao construírem essa imagem positiva de Solano López frente ao governo paraguaio, fazem na expectativa de criticar um contexto econômico, social e político a nível mundial no qual estavam inseridos os países da América Latina.

Assim, ao trabalharmos com textos didáticos devemos ter o cuidado de analisarmos criticamente as construções das imagens de Solano López que são realizadas pelos autores, pois, as imagens ali contidas refletem a discursos ideológicos de determinadas correntes historiográficas.



### Capítulo III

#### Conseqüências da Guerra do Paraguai segundo os livros didáticos

Transcorrido muito tempo, após o final da Guerra do Paraguai, ainda existem muitas versões sobre seu custo humano e suas conseqüências.

A Guerra do Paraguai teve importantes conseqüências para o Império, pois foi a partir desse momento que foram realizadas modificações nas estruturas do Estado brasileiro.

Ricardo Salles mostra essas mudanças no império dizendo o seguinte :

*"O país terminou a Guerra do Paraguai mudado: um tema nacional havia sido debatido, o governo imperial e a classe dominante haviam tido necessidade de buscar recursos humanos fora da estrutura social rígida e excludente do escravismo, uma nova instituição nacional com raízes em outros grupos sociais emergentes da guerra com amplo reconhecimento moral, sem contudo contar com espaço de participação e poder social e político condizentes com esse reconhecimento<sup>23</sup>*

Ricardo Salles aponta uma importante conseqüência da Guerra do Paraguai para o Império e que não aparece nos livros didáticos: a mudança na estrutura social. Foi a partir dela que houve a estruturação do exército e com isso novos estratos sociais ganharam importância saindo da situação de marginalização social a que eram submetidos.

Com essas novas emergências sociais surgiram novas necessidades de participações políticas na sociedade juntamente com os debates políticos dentro da estrutura social do império na busca de novas definições das relações de poder até então existentes.

Leslie Bethel também considera de grande importância as mudanças ocorridas na estrutura do império afirmando que :

*"O recrutamento, o treinamento, o fornecimento de vestuário, de armamentos e o transporte para um exército tão grande, tinham desenvolvidos a organização*

---

<sup>23</sup> SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai : escravidão e cidadania na formação do Exército. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990. p . 63



*ainda rudimentar do estado brasileiro. A Guerra também aguçou as tensões sociais de diversas maneiras, mas no saldo final, estimulou a causa da reforma social de maneira bastante significativa, em maio de 1867 D. Pedro anunciou que, após a guerra, seriam tomadas medidas no sentido de emancipar os escravos brasileiro*<sup>24</sup>..

Até os anos 1980 a versão que existia nos livros didáticos para as conseqüências da Guerra do Paraguai era a da historiografia tradicional.

No livro de Joaquim Silva, no capítulo sobre a Guerra do Paraguai, o item que ele define como conseqüências da Guerra do Paraguai relata apenas a Guerra como sendo importante para os rumos políticos do império e, dessa forma, as conseqüências seriam positivas, pois permitiam ao império uma "evolução política" :

*A Guerra teve grande importância para o futuro das nações platinas e do Brasil. Como assinalou Joaquim Nabuco, ela marca o apogeu do Império, mas também procedem dela as causas principais da decadência e queda da dinastia. A questão da liberdade dos escravos, que nos humilhava ante nossos aliados, que os não tinham, começou a agitar-se mais fortemente, depois do grande conflito; e a propaganda republicana intensificou-se, aparecendo, no mesmo ano em que a guerra terminara, o manifesto dos adversários da monarquia."*<sup>25</sup>

A historiografia tradicional, ao construir suas versões, tem o objetivo de enaltecer a figura dos países aliados envolvidos no conflito, reafirmando a idéia de que se tratava de uma luta da civilização contra a barbárie. Ao mesmo tempo, apresenta as conseqüências relacionando-as tanto à queda do Império, quanto ao fortalecimento de alguns segmentos sociais.

Dentre os livros didáticos analisados temos de Tabajara Pedroso, que aponta como conseqüências dessa guerra a morte de 4.000 homens dos aliados.<sup>26</sup>

O livro didático de Tabajara Pedroso é um exemplo claro da presença do discurso da historiografia tradicional, pois ao apontar as conseqüências da guerra do Paraguai, percebemos que o autor mostra somente uma pequena parte das conseqüências de uma guerra de grandes proporções. Percebemos que esse texto

<sup>24</sup> BETHEL. Leslie . A Guerra do Paraguai. História e Historiografia. In: Magalhães Marques. Maria Eduarda Castro (org.) A Guerra do Paraguai: 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume Dumaiá, 1995. p .32

<sup>25</sup> SILVA. Joaquim . Op. cit. p 222-223

<sup>26</sup> PEDROSO. Tabajara. História do Brasil. Op. cit. p. 79

didático procura mostrar com grande valorização a atuação dos chefes militares da Tríplice Aliança no conflito.

Porém, a maioria das publicações didáticas a partir dos anos 1990, foram escritas na perspectiva da historiografia revisionista.

Dentre os autores dos livros didáticos que possuem esse discurso revisionista, está Gilberto Cotrim, que procura mostrar que as maiores consequências da guerra foram para o Paraguai.

E relata o seguinte :

*"Iniciada em 1865 a Guerra do Paraguai durou até 1870. Para se ter uma idéia da crueldade que caracterizou a guerra, basta dizer que, do lado brasileiro, morreram aproximadamente 100 mil combatentes. Do lado Paraguaio, muito mais vidas foram sacrificadas. De acordo com os cálculos analisados por Boris Fausto, metade da população paraguaia morreu. Eram cerca de 406 mil habitantes em 1864 e 231 mil em 1872<sup>27</sup>*

Ao falar das consequências para o império brasileiro Cotrim diz o seguinte :

*"A economia estava fortemente abalada em virtude dos prejuízos da guerra. Por isso, dependia cada vez mais dos empréstimos obtidos com os banqueiros da Inglaterra. Aumentava a dívida externa brasileira. De outro lado, o exército brasileiro passou a assumir posições contrárias a sociedade escravista brasileira e a demonstrar simpatia pela causa republicana. Isso se explica, em parte, pelo fato de que a maioria das tropas brasileiras eram compostas de escravos negros e homens livres e pobres<sup>28</sup>.*

Na Guerra do Paraguai, diante da fragilidade militar das forças armadas brasileiras o Império, para compor um exército para guerra, teve de buscar soldados em recrutamentos forçados.

Durante o conflito, não somente aqueles considerados desafetos políticos pelos grupos políticos adversários eram alistados, mas também pessoas consideradas pelas autoridades provinciais como pobres, turbulentas e perigosas, geralmente pobres e mestiços.

<sup>27</sup> COTRIM, Gilberto. Op. cit. p 216

<sup>28</sup> COTRIM, Gilberto. Op. cit. p. 147-148



Os escravos destinados para a Guerra do Paraguai seriam aqueles ofertados pela própria casa imperial: os pertencentes à nação, os pertencentes à ordens religiosas e conventos, os libertados pelo governo via indenização aos seus senhores, os cedidos gratuitamente por seus proprietários, e aqueles enviados como substitutos por seus senhores ou familiares.

Os batalhões aliados tinham tantos soldados negros que os guaranis associaram o exército do Imperador como composto de negros "macacos", como se referiam em relação aos seus oponentes.

Durante a Guerra do Paraguai, a permanência do recrutamento militar fazia com que o viver em regime militar forçado adquirisse um caráter corretivo junto aqueles segmentos sociais das classes subalternas classificados de rebeldes, desajustados ou perigosos à tranquilidade e ordem públicas; mas esta não foi a única forma para a composição dos efetivos necessários. Havia ainda o ingresso "Voluntário" nas forças armadas, motivados pelo patriotismo em defesa do país em guerra contra os paraguaios.

No caso brasileiro, a Guerra do Paraguai contribuiu para acelerar inúmeras mudanças que já estavam em curso, apesar de preguiçosas: como o processo de abolição da escravidão. Durante a guerra, milhares de soldados negros morreram nos campos de batalha em nome da honra de seus senhores.

No entanto, no Império Brasileiro, a Guerra do Paraguai teve uma importante consequência: a abertura de novas possibilidades de novos espaços de lutas dos escravos contra o domínio senhorial através de fugas para o exército fingindo serem homens livres.

Com a guerra, o exército ganhou força, se consolidou, lembrando que até o período imediatamente anterior à guerra, o Império não tinha constituído um exército nacional, mantendo a Guarda Nacional como principal elemento de defesa.

A Guerra mobilizou todo o país, todas as regiões participaram mas nem todas estavam engajadas na causa.

No contexto interno político do Império, o movimento republicano também ganhou força ao lado do abolicionismo. O Exército estava suficientemente forte para empreender um golpe de Estado.

Forças conservadoras preocupam-se com os rumos que as coisas poderiam tomar se a liberdade fosse proclamada além de certos limites.

A nobreza assinou a abolição, os militares tomaram o poder. Os conservadores controlam a possível revolução. Os negros continuaram como serviçais ou andarilhos sobre estradas de outros donos.

Daí por diante, a história do Brasil continuará sendo marcada pelos pactos entre as oligarquias dominantes e destas com o grande capital internacional, que determina a política a ser praticada pelos países a quem chamam de "Terceiro Mundo".

Divalte, no livro *História para o Ensino Médio*, faz uma leitura revisionista das conseqüências da Guerra do Paraguai enfatizando as perdas humanas no lado paraguaio, na referência abaixo :

*"O Paraguai mais atingido pela guerra, só tinha perdas a registrar. Sua população de cerca de 400 mil habitantes em 1865, havia reduzido a apenas 194 mil em 1870. Cerca de 90% dos homens estavam mortos. Suas terras estavam devastadas, seus rebanhos dizimados e sua indústria destruída."<sup>29</sup>*

Mário Schmidt em seu livro didático possui o seguinte discurso acerca das conseqüências da guerra para o Paraguai:

*"O Paraguai foi devastado. Grande parte de sua população masculina adulta morreu. Sua economia ficou arrasada e um pedaço de seu território foi tomada pela Argentina e pelo Brasil. Os Paraguaio foram obrigados a indenizar o Brasil em dinheiro."<sup>30</sup>*

Para o Paraguai, a guerra contra a Tríplice Aliança levou à destruição do Estado existente e à perda de territórios disputados com seus vizinhos. A derrota significou para o Paraguai rompimento com um modelo de crescimento econômico que significava às bases para a expansão de um sistema produtivo nacional.

A reorganização do país levou três décadas. O Paraguai não conseguiu alcançar o mesmo nível de desenvolvimento econômico do período pré-guerra.

<sup>29</sup> FIGUEIRA, Divalte Garcia. *História : Novo Ensino Médio*. 1ª. edição. São Paulo: Editora Saraiva, 1955. p 281

<sup>30</sup> SCHIMIDT Mário. Op. cit. p. 195



Bethel diz o seguinte sobre o que resultou a guerra para o lado Paraguaio :

*"A Guerra foi para o Paraguai um desastre quase absoluto. No final, ele sobreviveu como um Estado independente muito embora, no período imediatamente pós guerra tenha ficado sob a tutela do Brasil. A economia do Paraguai ficou em ruínas, suas bases de produção e de infra-estrutura foram destruídas, seus primeiros passos de desenvolvimento voltados para fora, através de um comércio amplo e de uma integração mais estreita com a economia mundial, levaram uma geração ao retrocesso."*<sup>31</sup>

O texto acima enfatiza que o Paraguai teve grandes perdas no conflito. Mas, Francisco Doratioto mostra que as conseqüências atingiram todos os países envolvidos ao custo de muitas vidas:

*"... para o população paraguaia alcançar 1,3 milhão de pessoas seria necessário um crescimento demográfico anual de 17% visto ter o censo de 1846 registrado 250 mil habitantes. Com o uso de metodologia da história demográfica, baseada nas taxas históricas de crescimento populacional paraguaio e por estas o período de 1846 a 1864 deve ter números anuais entre 1,8% e 2,2% , e, ao compara-lo com o restante da América Latina , conclui-se que o Paraguai tinha, por ocasião do início da guerra, entre 285.715 e 318.144 habitantes. Neste sentido as perdas totais do país em decorrência do conflito contra a Tríplice Aliança foram provavelmente de 8,7%, porcentagem assim composta : 5% em combate, 2,5% de civis mortos devido a fatores relacionados à luta (doenças, migrações...) e 1,2% de cidadão paraguaios que migraram para países vizinhos ou que viviam em territórios reconhecidos, na década de 1870, como pertencentes à Argentina e ao Império. Dessa forma mesmo que fossem exagerados cada uma dessa porcentagens acima, as perdas paraguaias não alcançariam o número de 18,5% da população. Pela pesquisa o número de mortos paraguaios na guerra estaria entre o mínimo de 24.286 e o máximo de 58.857 cidadãos."*<sup>32</sup>

Esse conflito foi um momento no qual morreram muitas pessoas do países envolvidos. Mas, também tivemos muitas conseqüências do ponto de vista econômico. Para à Argentina a Guerra do Paraguai beneficiou à atividade pecuária, enriquecendo alguns criadores, que tornaram-se fornecedores para as tropas aliadas.

<sup>31</sup> BETHEL, Leslie. História e Historiografia. In: MAGALHÃES MARQUES, Maria Eduarda Castro. (org.) A Guerra do Paraguai: 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume - Dumaiá, 1995. Op.cit. p. 30-31

<sup>32</sup> DORATIOTO, Francisco. Op. cit. p. 289

A Guerra deu impulso à produção de trigo e milho nas colônias de Santa fé e Entre Rios. Na Argentina, o descontentamento interior com a guerra e a aliança com o Império contribuíram também para diferentes rebeliões federalistas contra o governo nacional, que conseguiu sufoca-las e acabou fortalecido, por outro lado, o estado Argentino endividou-se.

A Guerra contribuiu para a consolidação do Estado Nacional centralizado na Argentina e para a dinamização da sua economia.

Para o Uruguai, as conseqüências foram menores, apesar da situação interna desse país ter fornecido elementos que levaram a eclosão do conflito.

No plano regional, o conflito significou a possibilidade de alterar o quadro das relações platinas. Os liberais argentinos e brasileiros, no poder em seus respectivos países entre 1862 e 1868, não viam, por ocasião do início da luta, o Tratado da Tríplice Aliança esgotar-se em si mesmo com a vitória sobre o Paraguai. Principalmente os liberais ligados a Mitre pensavam em redimensionar as relações argentino-brasileiras, substituindo a disputa, que trazia atritos e instabilidade no Prata, pela cooperação, instrumento gerador da estabilidade e garantidor da paz na região.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Sobre as conseqüências regionais da Guerra do Paraguai ver Francisco Doratioto . Maldita Guerra.Op. cit. p. 485

## Considerações Finais

Os livros didáticos são concebidos como principal instrumento de trabalho dos professores. Dessa forma, tornam-se um importante instrumento na formação cultural/educacional dos estudantes.

A análise dos livros didáticos sobre a Guerra do Paraguai nos mostrou também a necessidade de buscarmos uma análise crítica dos conteúdos de história veiculados nas escolas. Os textos didáticos carregam em si múltiplas representações, não permitindo o claro entendimento dos fatos, e, muito menos, um saber crítico que permita uma reflexão e não uma simples memorização dos conteúdos.

A linguagem historiográfica utilizada nos livros didáticos pesquisados passa pela historiografia tradicional e pela revisionista.

Nos livros didáticos analisados observamos que, de um modo geral, o tema da Guerra do Paraguai está estruturado cronologicamente em pequenos parágrafos, com ilustrações de mapas de localização geográfica e algumas inserções iconográficas que possibilitam a conexão do fato histórico com a imagem. Recurso utilizado para possibilitar uma noção de "verdade histórica".

Observamos que, apesar da existência de pesquisas acadêmicas mais críticas referentes ao tema, estas ainda não foram incorporadas aos conteúdos dos livros didáticos.

Dessa forma, os livros didáticos ficam, por muitos anos, com conteúdos desatualizados, e ao serem utilizados, os Professores devem possuir uma leitura crítica para que sejam capazes de fornecer elementos para a construção da visão que seus alunos irão formar acerca dos conteúdos ali encontrados.



**FONTES**

- ARRUDA E PILETTI, José Jobson e Nelson. **Toda a História. História Geral e História do Brasil.** 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1997
- CASTRO. Julierme de Abreu. **História do Brasil para Estudos Sociais.** 6ª. série São Paulo: IBEP.
- COTRIM, Gilberto, 1995 - **Saber e Fazer História** - 7ª série, São Paulo: Saraiva, 1999
- FIGUEIRA, Divalte Garcia. **História. Série: Novo Ensino Médio.** 1ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2002
- GIOVANNI & JUNQUEIRA. Cristina Visconti e Zilda Almeida. **História : Compreender para Aprender.** 8ª.série. São Paulo: Editora FTD. 1998.
- LOBO. Haddock R. **História Moderna e Contemporânea e História do Brasil.** 4ª. série ginásial. São Paulo: Edições Melhoramentos.,1962.
- MAIOR. A Souto. **História do Brasil para o Curso Colegial.** São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1965.
- MORAES & REZENDE. Ana Maria e Maria Efigênia Lage. **História Fundamental do Brasil.** 1ª. grau. São Paulo: Editora Vigília. 1982.
- MOTTA E BRAICK. Myriam Becho e Patrícia Ramos, **História: Das cavernas ao terceiro milênio.** São Paulo: Editora Moderna,
- MOTA & LOPEZ. **História e Civilização : O Brasil Imperial e Republicano.** Carlos Guilherme e Adriana. São Paulo: Editora Ática. 1996.



PILETTI & PILETTI. Nelson e Cláudio. **História e Vida: do Primeiro Reinado aos dias de hoje.** 6ª. série. São Paulo: Editora Ática. 2000

PILETTI & PILETTI. Nelson e Cláudio. **História e Vida : Edição Especial.** São Paulo: Editora Ática. 2000.

PEDROSO, TABAJARA. **História do Brasil. Para a 1ª série ginasial.** 2ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1955

SCHMIDT, Mário Furley. **Nova História Crítica.** São Paulo: Nova Geração, 1999

SILVA, Joaquim. **História do Brasil.** 8ª série ginasial. 25ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958

TAUNAY E MARAES, Alfredo D'Escrangnolle e Dicamor. **História do Brasil para o terceiro ano colegial.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

VALUCE. Ládimo. **História do Brasil .** Ensino do Primeiro Grau. São Paulo: Editora São Paulo. 1975.

SOUZA. Osvaldo Rodrigues. **História do Brasil.** São Paulo: Editora Ática. 1992

VICENTINO. Cláudio. **História Integrada : os séculos XVIII e XIX.** 7ª.série. São Paulo: Editora Scipione. 1995.

RIBEIRO & ANASTASI. Vanise e Carla. **Brasil : Encontros com a História.** 6ª. série. São Paulo: Editora do Brasil S/A .1996.

**BIBLIOGRAFIA**

BETHEL. Leslie. **Guerra do Paraguai : Historia e Historiografia.** In: MAGALHÃES MARQUES. Maria Eduarda Castro. (org.). **A Guerra do Paraguai : 130 anos depois.** Rio de Janeiro: Relume- Dumaiá, 1995.

BANDEIRA. L A Moniz. **O Expansionismo Brasileiro e a Formação dos Estados da Bacia do Prata : da colonização à guerra da tríplice aliança.** 2ª ed. São Paulo: Ensaio: Brasília . DF : Editora da Universidade de Brasília, 1995.

CERQUEIRA. Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai.** Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1980.

CHIAVENATO . Júlio José. **A Guerra contra o Paraguai.** São Paulo: Brasiliensi, 1996. (Coleção Tudo é História, 131).

\_\_\_\_\_ **A Guerra do Paraguai.** São Paulo: Ática, 1987

\_\_\_\_\_ **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai.** São Paulo: Brasiliensi. 1979.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai .** São Paulo : Companhia da Letras, 2002.

DUARTE. Gal. Paulo de Queiroz. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai.** (03 volumes). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

GALEANO . Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.

GUIMARÃES. Acyr Vaz. **Setecentas Léguas a Pé. (A Campanha do Apa).** Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul. 1988.

KAPLAN. Marcos T. **Formação do Estado Nacional na América Latina**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1974.

LAMBERT. Jacques. **América Latina**. São Paulo: Cia Editora Nacional/EDUSP, 1969.

MENEZES. Alfredo da Mota . **Guerra do Paraguai: como construímos o conflito**. São Paulo: Contexto, 1998.

POMER. Leon. **A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense**. São Paulo: Global, 1980

SALLES. Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

TAUNAY. Visconde de . **Memórias**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. Editora, 1960.

\_\_\_\_\_ **A Retirada da Laguna**. São Paulo; Melhoramentos ,1952

\_\_\_\_\_ **Diário do Exército (1869 -1870)**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército - Editora -1958.



# ANEXOS

*Reprodução das capas dos livros didáticos de história  
pesquisados*

COLEÇÃO DIDÁTICA  
de acordo com o programa de estudos estabelecido no Brasil

SÉRIE GINÁSIAL

Volumes publicados:

<b>PORTUGUÊS</b>	<b>LATIM</b>
PÁGINAS FLORIDAS — por Francisco de Oliveira Gomes — Catedrático de Filologia da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo. 1.ª série — 15,00 2.ª série — 14,00 3.ª série — 14,00 4.ª série — 12,00	ROMA — por Jaime Fernandes Rodrigues — Prof. do Ensino Secundário da Prefeitura do Distrito Federal. 1.ª série — 14,00 2.ª série — 11,00 3.ª série — 15,00 4.ª série — 15,00
ANÁLISE SINTÁTICA — por José Mesquita de Carvalho — Prof. do Instituto de Educação em Belo Horizonte. Curso Ginásial — Cr\$ 10,00	<b>HISTÓRIA</b>
<b>FRANÇÊS</b>	HISTÓRIA DO BRASIL — por Tabajara Pedrosa — Prof. do Ensino Secundário em Belo Horizonte. 1.ª série — 12,00
BOLANDEIR DE FRANÇA — por Augusto de Oliveira — Prof. do Instituto Caetano de Campos — São Paulo. 1.ª série — 14,00 2.ª série — 15,00 3.ª série — 15,00 4.ª série — 15,00	HISTÓRIA DA AMÉRICA — por Tabajara Pedrosa — Prof. do Ensino Secundário em Belo Horizonte. 2.ª série — 12,00
GRAMMAIRE FRANÇAISE ÉLÉMENTAIRE — A-60 de nomenclatura e exercícios — por Caetano de Oliveira. 1.ª vol. — 14,00	HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL — por Tabajara Pedrosa. 3.ª série — 12,00
<b>INGLÊS</b>	<b>MATEMÁTICA</b>
YOUTH AT SCHOOL — por Ricardo de Albuquerque — do Instituto Caetano de Campos — São Paulo. 1.ª vol. — 2.ª série — 14,00 2.ª vol. — 3.ª série — 15,00	PONTOS DE MATEMÁTICA — por Carlos Teófilo — Prof. do Ensino Secundário em Belo Horizonte. 1.ª série — 15,00 2.ª série — 14,00 3.ª série — 15,00 4.ª série — 15,00

Os livros da COLEÇÃO DIDÁTICA SARAIVA estão ao alcance de qualquer bolso.

COLEÇÃO DIDÁTICA SARAIVA

# HISTÓRIA DO BRASIL

DO

# BRASIL

PARA A 1.ª SÉRIE GINÁSIAL  
(De acordo com a portaria 366, de 2 de outubro de 1951)

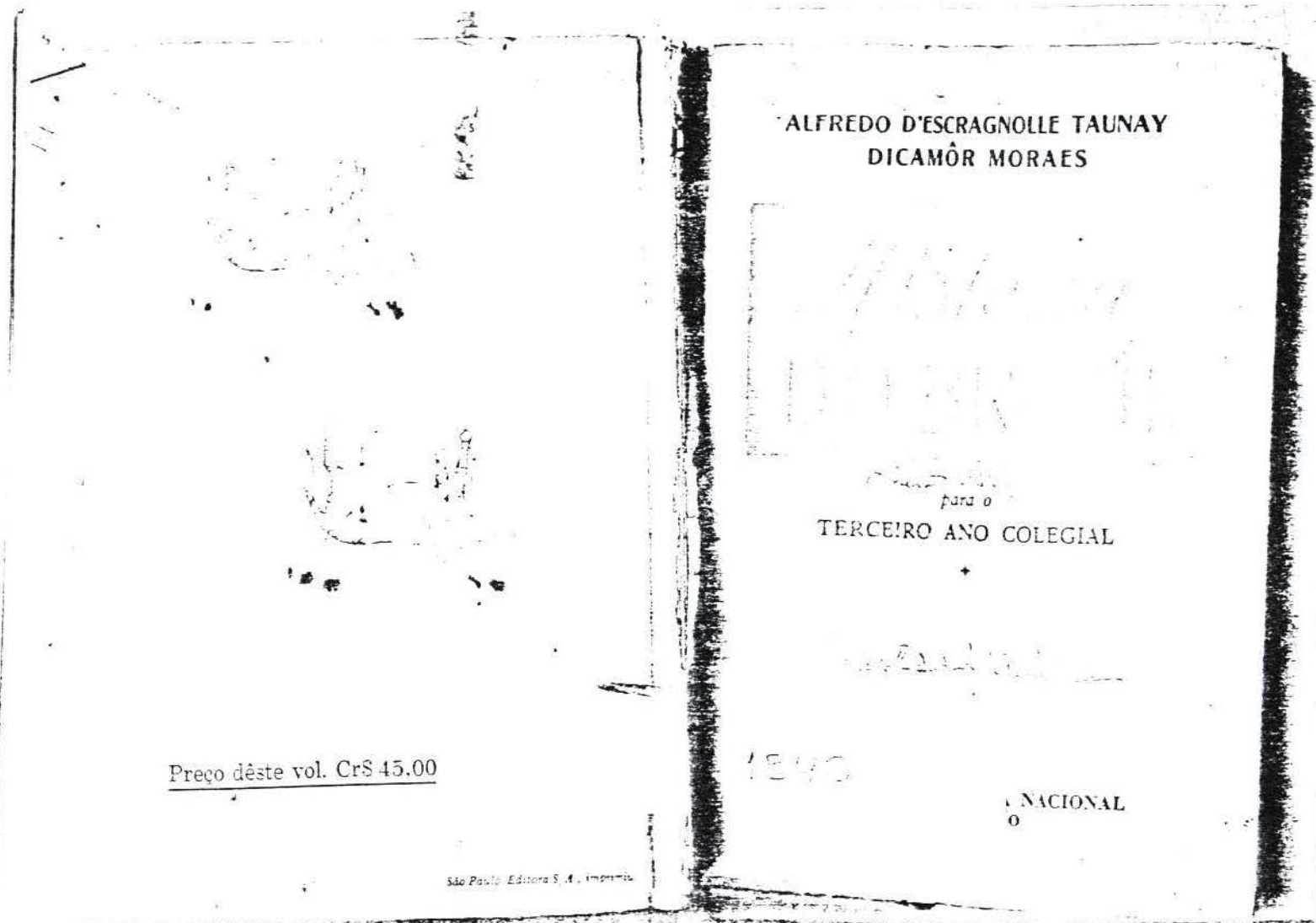


1538

O homem que lê vale mais.

Preço: Cr\$ 12,00

Figura 1 - Capa do livro História do Brasil (1ª.Série Ginásial), de Tabajara Pedrosa, 2ª edição, São Paulo: Editora Saraiva, 1955.



**Figura 2 - Capa do livro História do Brasil (3ª. Terceiro Ano Colegial), Alfredo D' Escragnolle Taunay e Dicamor Moraes. 3ª. edição. São Paulo : Companhia Editora Nacional. 1955.**





Figura 3 - Capa do livro História do Brasil (4ª. Série Ginásial), Joaquim Silva. 25ª. edição. São Paulo : Companhia Editora Nacional. 1958.



SIR ARTHUR CONAN DOYLE  
SÉ. I E SHERLOCK HOLMES

*Os mais intrigantes enigmas da novela policial, magicamente  
descendidos pelo maior detetive de todos os tempos. Obras  
que realçaram a ficção criminal.*

- I - UM ESTUDO EM VERMELHO
- II - O SIGNO DOS QUATRO
- III - AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES
- IV - MEMÓRIAS DE SHERLOCK HOLMES
- V - A VOLTA DE SHERLOCK HOLMES
- VI - O CÃO DOS BASKERVILLES
- VII - O VALE DO TERROR
- VIII - O ÚLTIMO ADEUS DE SHERLOCK HOLMES
- IX - HISTÓRIAS DE SHERLOCK HOLMES

1/8

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Cód. 0-14-189

Preço de sete volumes  
Cr\$ 300,00

# HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA E HISTÓRIA DO BRASIL



"Use autorizada pelo Ministério da Educação e Cultura"  
Registra n.º 2.517

1491

Figura 4 - Capa do livro História Moderna e Contemporânea (4ª. Série. Curso Ginásial), R Haddock Lobo. 8ª. edição São Paulo Edições Melhoramentos 1962 1962.



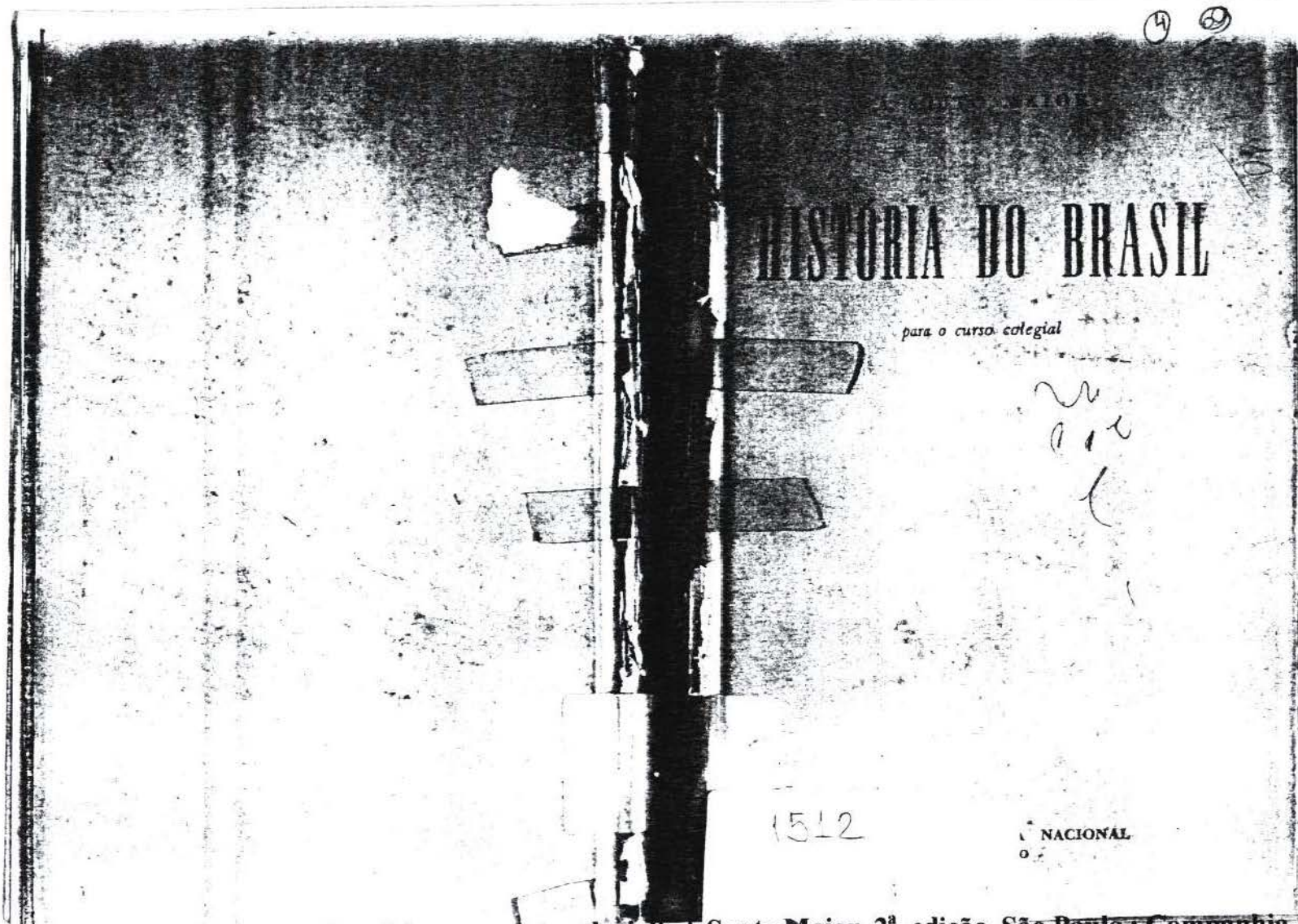


Figura 6 - Capa do livro História do Brasil (para o curso colegial), A Souto Maior. 2ª. edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

Figura





INSTITUTO BRASILEIRO DE EDIÇÕES PEDAGÓGICAS  
RUA JOLL 24 - TEL. 32.473 - CAIXA POSTAL 5312  
SÃO PAULO - BRASIL



Figura 7 - Capa do livro História do Brasil : Para Estudos Sociais (6ª. Série), Julierme de Abreu e Castro . edição. São Paulo : Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas,

SÉRGIO BUARQUE DE HOLLANDA  
 na Universidade de São Paulo

CARLA DE QUEIROZ  
 Professora da Faculdade de Educação, Escola de  
 Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

SYLVIA BARBOZA FERRAZ  
 Professora da Escola de Comunicação e Artes da  
 Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
 da Universidade de São Paulo

VIRGILIO NOYA PINTO  
 Professor da Escola de Comunicação e Artes da  
 Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
 da Universidade de São Paulo

Yasemin Yildirim  
 LAURINDA DE SOUZA  
 Professora da Faculdade de Educação

coleção  
**SÉRGIO BUARQUE  
 DE HOLLANDA**

**HISTÓRIA DO BRASIL**  
 área de estudos sociais

**2**

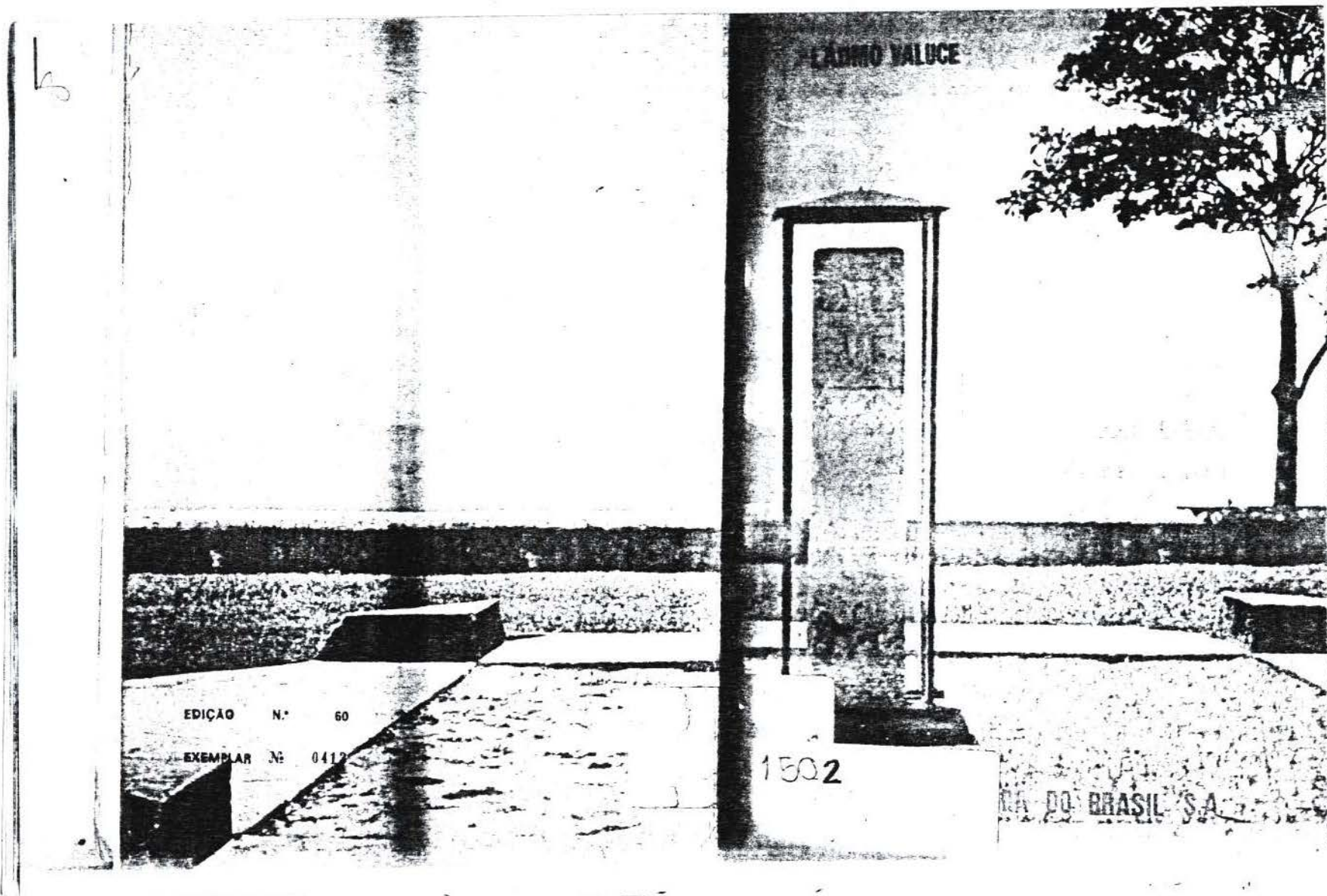
(DA INDEPENDÊNCIA AOS NOSSOS DIAS)

6.ª série do Primeiro Grau  
 (antiga 2.ª série ginasial)



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

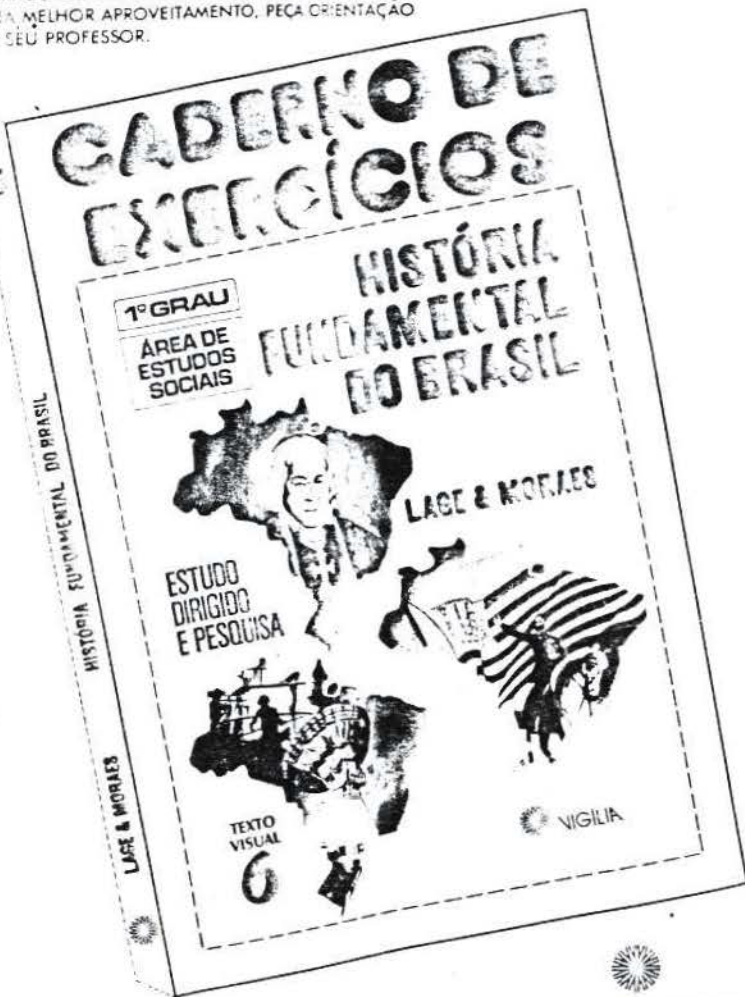
**Figura 8 - Capa do livro História do Brasil : área de estudos sociais (6ª. Série), Carla de Queiroz, Sylvia Barbosa Ferraz, Virgilio Noya Pinto . 2ª. edição. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1972.**



**Figura 9 - Capa do livro História do Brasil (ensino do primeiro grau), Ládmo Valuce. 60ª. edição. São Paulo : Editora do Brasil, 1975.**



ESTE CADERNO DE EXERCÍCIOS FOI FEITO EXCLUSIVAMENTE PARA VOCÊ. FAZENDO OS EXERCÍCIOS COM ATENÇÃO SERÁ MAIS FÁCIL ESTUDAR. PARA MELHOR APROVEITAMENTO, PEÇA ORIENTAÇÃO AO SEU PROFESSOR.



EDITORA VIGÍLIA LTDA

1º GRAU

ÁREA DE ESTUDOS SOCIAIS

# HISTÓRIA FUNDAMENTAL DO BRASIL

MANUAL DO PROFESSOR

LAGE & MORAES



981  
XCR  
1982

TEXTOS VISUAIS  
1443

VIGÍLIA

Figura 10 - Capa do livro História Fundamental do Brasil (6ª. série do primeiro grau), Lage & Moraes. 10ª. edição. Belo Horizonte : Editora Editora Vigília Ltda, 1982.

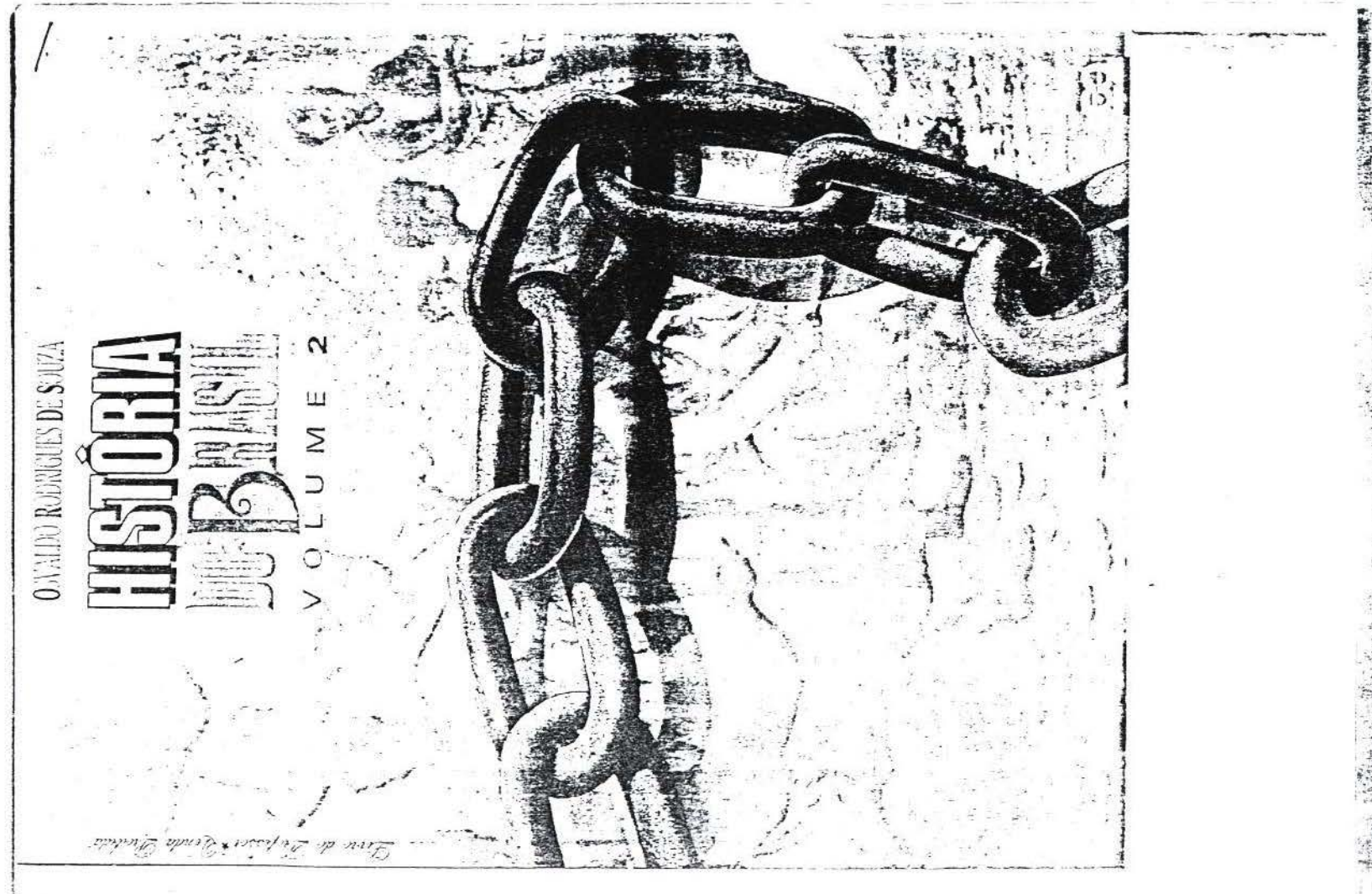


Figura 11 - Capa do livro História do Brasil ( 6ª.Série), Osvaldo Rodrigues de Souza. São Paulo : Editora Ática, 1992.



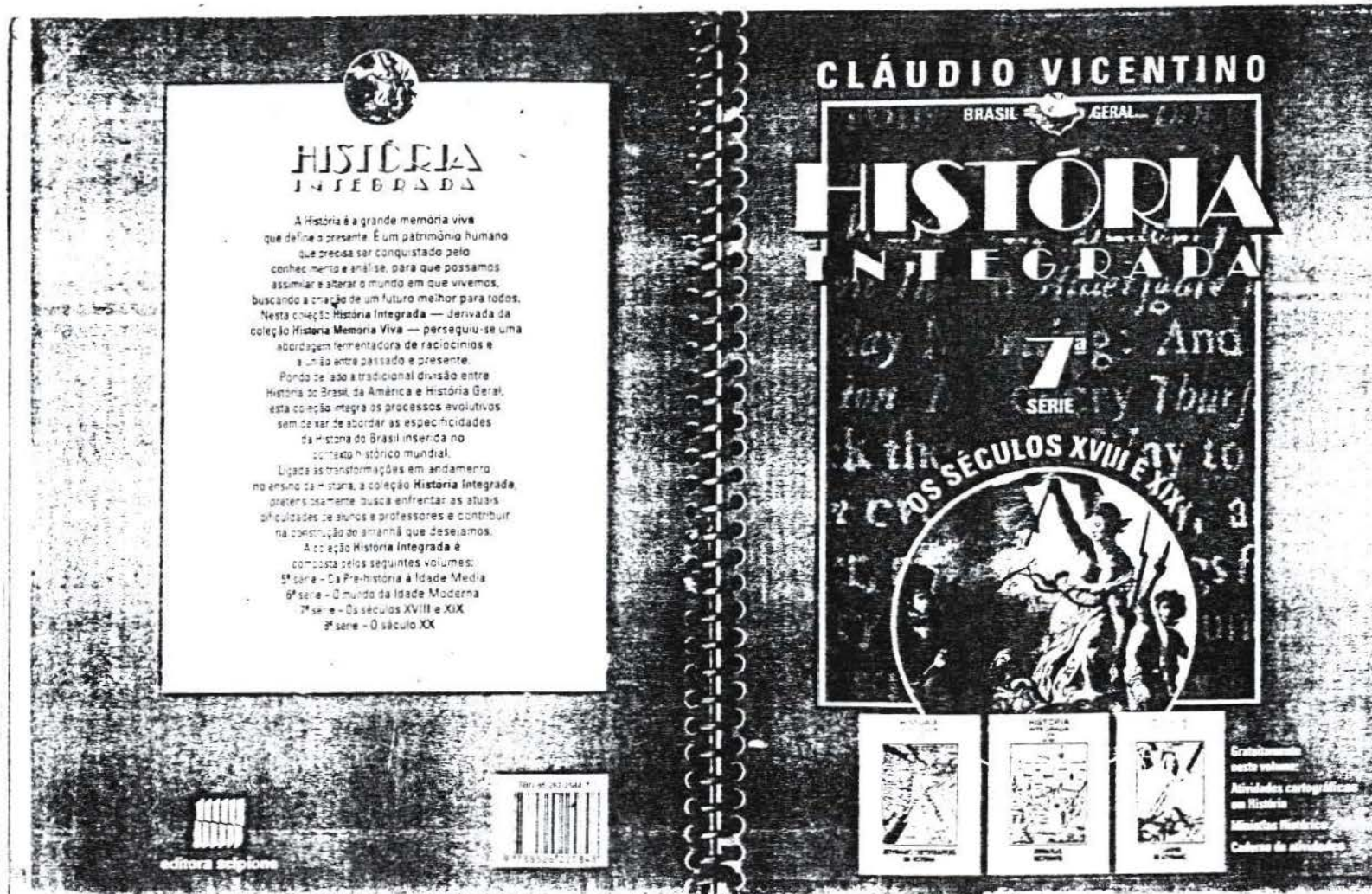


Figura 12 - Capa do livro História Integrada : Brasil e Geral ( 7ª.Série), Cláudio Vicentino. São Paulo : Editora Scipione, 1995.



1 2 3 4  
 9  
 5  
 8 9  
 a 1 2 i



# Brasil Encontros com a História

VANISE RIBEIRO  
CARLA ANASTASIA



Uma proposta  
construtivista para o  
ensino de História do Brasil



**EB** EDITORA DO BRASIL SA

Vanise Ribeiro

Pós-graduada em História do Brasil e professora da rede Municipal de Belo Horizonte.

E. E. DE MINAS GERAIS  
CRIADA EM 1961

MAQUETAGEM  
T. E. A.

Carla Anastasia

Doutora em Ciência Política e professora titular de História do Brasil da Universidade Federal de Minas Gerais.

MINAS-0.5.6.9  
SETEMBRO, 1984

IMPRESSÃO DE TITULO - SEE  
T. 855/82, DE 25/12/82  
CART. 96/85 DE 11/11/85

Figura 13 - Capa do livro Brasil : Encontros com a História ( 6ª.Série), Vanise Ribeiro e Carla Anastasia. São Paulo : Editora do Brasil, 1996.

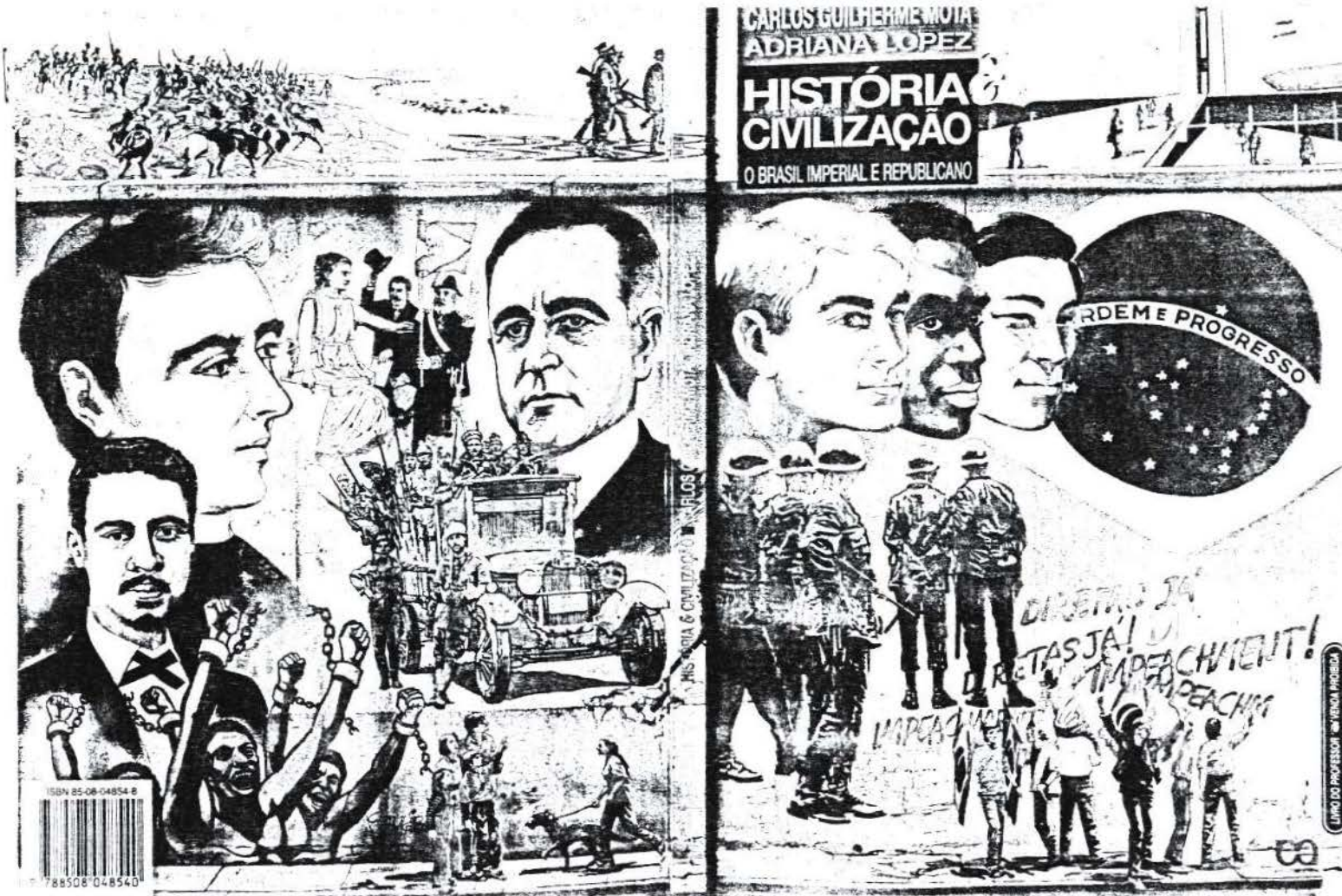


Figura 14 - Capa do livro História e Civilização : O Brasil Imperial e Republicano ( 6ª.Série), Carlos Guilherme Mota e Adriana Lopez. São Paulo : 3ª.edição. Editora Ática, 1996.



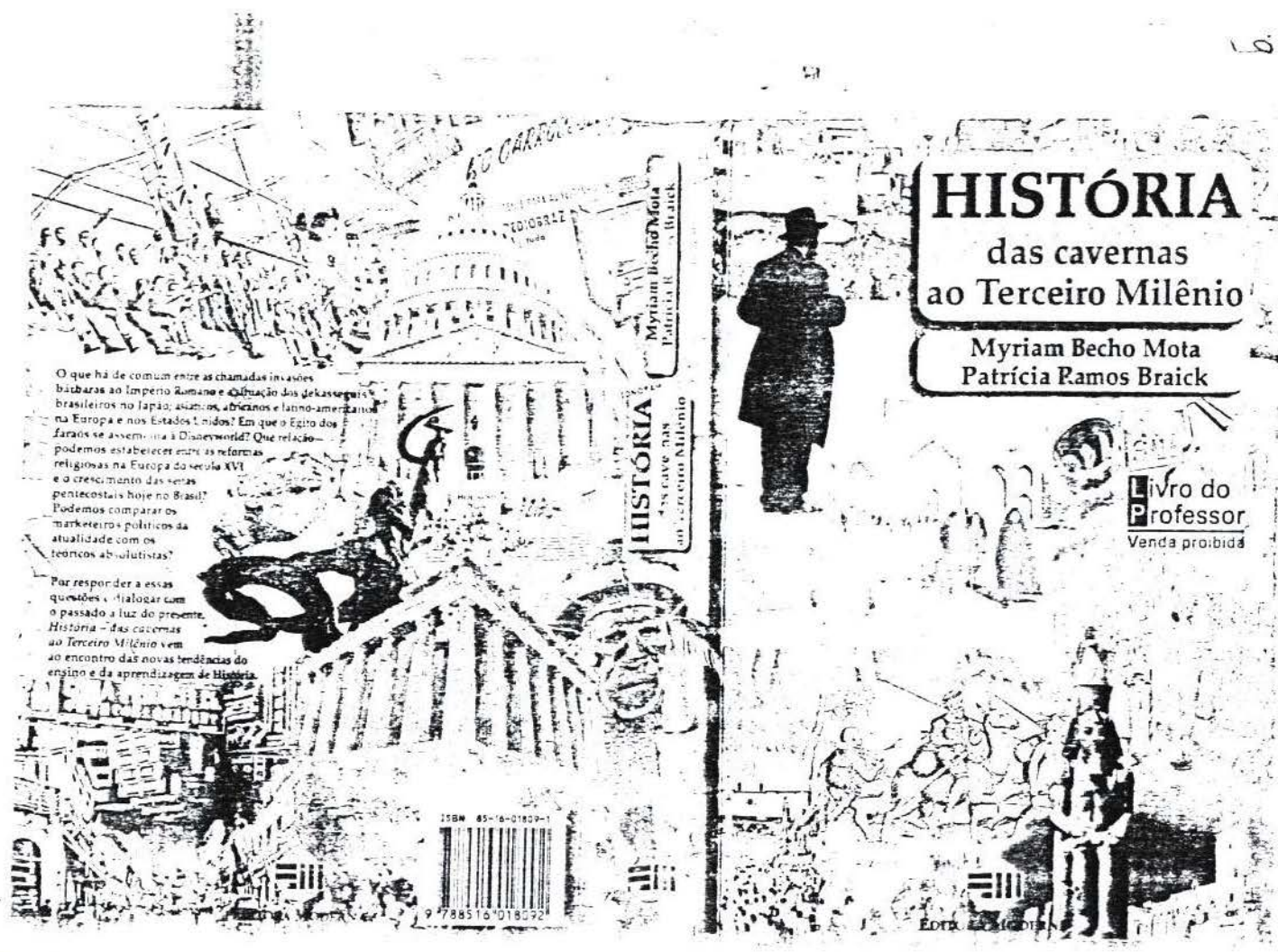


Figura 15 - Capa do livro História da Cavernas ao Terceiro Milênio ( Ensino Médio), Myriam Becho Mota e Patrícia Ramos Braick. São Paulo : 1ª.edição. Editora Moderna, 1997.



Editora Ática

em Brasil

Conteúdo

1. Pré-História e História Antiga

2. História Medieval

3. História Moderna

4. História Contemporânea

5. História do Brasil

6. História da América Latina

7. História da África

8. História da Ásia

9. História da Europa

10. História da Oceania

11. História da Austrália

12. História da Nova Zelândia

13. História da Índia

14. História da China

15. História do Japão

16. História da Coreia

17. História da Tailândia

18. História da Indonésia

19. História da Malásia

20. História da Filipinas

21. História da Austrália

22. História da Nova Zelândia

23. História da Índia

24. História da China

25. História do Japão

26. História da Coreia

27. História da Tailândia

28. História da Indonésia

29. História da Malásia

30. História da Filipinas

31. História da Austrália

32. História da Nova Zelândia

33. História da Índia

34. História da China

35. História do Japão

36. História da Coreia

37. História da Tailândia

38. História da Indonésia

39. História da Malásia

40. História da Filipinas

41. História da Austrália

42. História da Nova Zelândia

43. História da Índia

44. História da China

45. História do Japão

46. História da Coreia

47. História da Tailândia

48. História da Indonésia

49. História da Malásia

50. História da Filipinas

51. História da Austrália

52. História da Nova Zelândia

53. História da Índia

54. História da China

55. História do Japão

56. História da Coreia

57. História da Tailândia

58. História da Indonésia

59. História da Malásia

60. História da Filipinas

61. História da Austrália

62. História da Nova Zelândia

63. História da Índia

64. História da China

65. História do Japão

66. História da Coreia

67. História da Tailândia

68. História da Indonésia

69. História da Malásia

70. História da Filipinas

71. História da Austrália

72. História da Nova Zelândia

73. História da Índia

74. História da China

75. História do Japão

76. História da Coreia

77. História da Tailândia

78. História da Indonésia

79. História da Malásia

80. História da Filipinas

81. História da Austrália

82. História da Nova Zelândia

83. História da Índia

84. História da China

85. História do Japão

86. História da Coreia

87. História da Tailândia

88. História da Indonésia

89. História da Malásia

90. História da Filipinas

91. História da Austrália

92. História da Nova Zelândia

93. História da Índia

94. História da China

95. História do Japão

96. História da Coreia

97. História da Tailândia

98. História da Indonésia

99. História da Malásia

100. História da Filipinas

# TODA A HISTÓRIA

HISTÓRIA GERAL  
E HISTÓRIA DO BRASIL

## UMA HISTÓRIA TOTAL

- Da Pré-História à atualidade
- As civilizações do Oriente: Índia, China, Japão
- O Japão feudal e o Japão moderno
- As civilizações da América pré-colombiana
- Toda a História do Brasil, apresentada no contexto da História Geral
- Os últimos acontecimentos no Brasil e no mundo

Texto objetivo e conciso  
Fotos essenciais  
Questões propostas no final de cada capítulo

Grande atlas histórico em cores

ISBN 85-04-03103-6



9 788504 031036

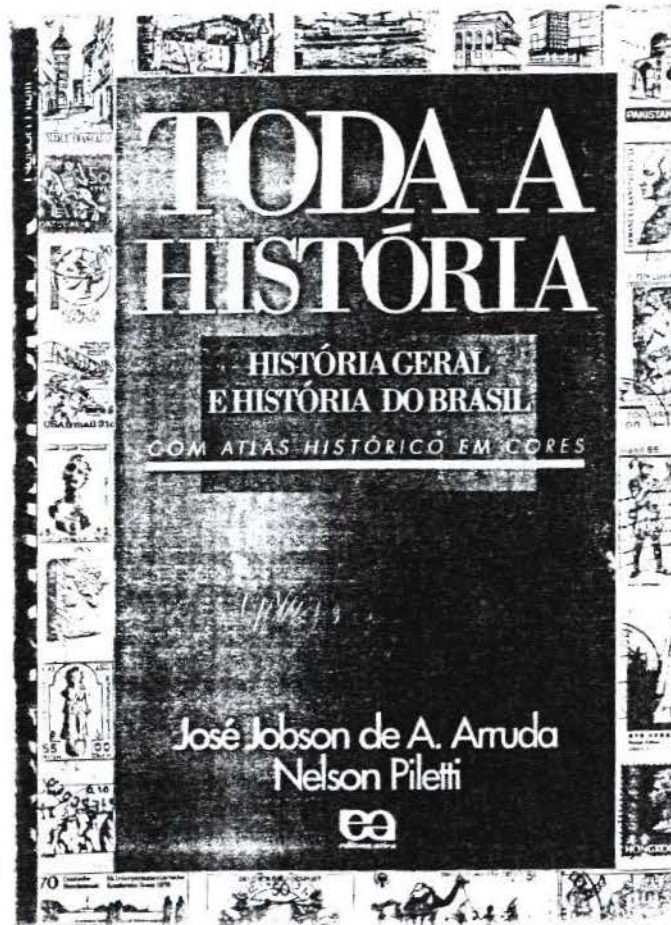


Figura 16 - Capa do livro *Toda a História* (Ensino Médio), José Jobson de A Arruda e Nelson Piletti. São Paulo : 6ª.edição. Editora Ática, 1997.

# HISTÓRIA

com prazer para aprender

**FILIAIS E REPRESENTANTES FTD**

- **ACRE**  
RUI BARBOSA - Fone: (16) 224-4363 e 224-4240 Fax: (16) 223-1864
- **ALAGOAS**  
MACEIO - Fone: (52) 221-9431
- **AMAPA**  
MACAPA - Fone: (91) 241-4061 Fax: (91) 225-1810
- **AMAZONAS**  
MANAUS - Fone: (67) 234-8839 Fax: (67) 233-5837
- **BAHIA**  
SALVADOR - Fone: (71) 341-4558 Fax: (71) 341-0675  
SANTANA - Fone: (71) 613-1049
- **CEARA**  
FORTALEZA - Fone: (85) 352-5332 Fax: (85) 321-5153
- **DISTRITO FEDERAL**  
BRASILIA - Fone: (61) 343-2555 Fax: (61) 343-2455
- **ESPIRITO SANTO**  
VITÓRIA - Fone: (51) 227-0884 Fax: (51) 227-6857
- **GOIAS**  
Goiânia - Fone: (62) 704-3031 Fax: (62) 704-3040
- **MARANHÃO**  
SÃO LUIS - Fone: (98) 222-3020, 222-4787, 232-1131 Fax: (98) 231-2696  
SANTANA - Fone: (98) 222-1085
- **MATO GROSSO**  
CUIABÁ - Fone: (65) 327-1288
- **MATO GROSSO DO SUL**  
DAMPUS - Fone: (51) 274-2567 Fax: (51) 274-2424
- **MINAS GERAIS**  
Belo Horizonte - Fone: (31) 463-9544 Fax: (31) 463-9519  
JUIZ DE FORA - Fone: (35) 315-8238  
UBERLÂNDIA - Fone: (34) 230-2916  
Goiânia - Fone: (31) 463-9544 Fax: (31) 463-9519
- **PARÁ**  
BELÉM - Fone: (91) 741-4043 Fax: (91) 225-1810  
SANTARÉM - Fone: (91) 875-2545
- **PARAÍBA**  
CAMPINA GRANDE - Fone: (51) 322-7290  
JOÃO PESSOA - Fone: (51) 221-1635
- **PARANÁ**  
CURITIBA - Fone: (41) 322-8076 Fax: (41) 322-1187  
LONDREINA - Fone: (43) 327-3470 Fax: (43) 327-1296
- **PERNAMBUCO**  
RECIFE - Fone: (51) 341-5222 Fax: (51) 341-7575
- **PIAUI**  
TERESINA - Fone: (35) 223-5378 Fax: (35) 223-8039
- **RIO DE JANEIRO**  
RIO DE JANEIRO - Fone: (21) 546-2607 Fax: (21) 546-2691  
CAMPOS GERAIS - Fone: (24) 232-9093
- **RIO GRANDE DO NORTE**  
NATAL - Fone: (54) 322-1279
- **RIO GRANDE DO SUL**  
PORTO ALEGRE - Fone: (51) 321-2211
- **RONDÔNIA**  
JUPIÁ - Fone: (69) 421-8090 Fax: (69) 421-4106  
SOLIMÕES - Fone: (69) 421-4990 Fax: (69) 421-4109
- **RORAIMA**  
BOA VISTA - Fone: (68) 234-8839 Fax: (68) 233-6837
- **SANTA CATARINA**  
FLORIANÓPOLIS - Fone: (54) 225-3070
- **SÃO PAULO**  
SÃO PAULO - Fone: (11) 961-3055 Fax: (11) 961-5069  
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - Fone: (13) 243-3822  
JABOATÃO - Fone: (13) 227-8282 Fax: (13) 227-8957  
SANTOS - Fone: (13) 254-1326  
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - Fone: (13) 224-7791  
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - Fone: (12) 341-6084
- **SERGIPE**  
ARACAJU - Fone: (79) 211-9941
- **TOCANTINS**  
PARANÁGUA - Fone: (63) 602-2538 Fax: (63) 602-1198
- **MATRIZ**  
SÃO PAULO - Fone: (11) 233-5011 - Fax: (11) 233-0132  
www.ftd.com.br  
CENTRAL DE VENDAS - Fone: (11) 961-3058 - Fax: (11) 961-5069

FTD

9 788532 24719 11535882

EXEMPLAR PARA ANÁLISE

FID VENDA PROIBIDA

Cristina Visconti Giovanni  
Zilda Almeida Junqueira  
Sílvia Guena Tuono

# HISTÓRIA

compreender para aprender

8ª SÉRIE

FTD

ENSINO FUNDAMENTAL

Figura 17 - Capa do livro História : compreender para aprender ( 7ª. Série). Cristina Visconti Giovanni, Zilda Almeida Junqueira e Sílvia Guena Tuono. São Paulo : FTD, 1998.







**Editora Saraiva**

Av. Marquês de São Vicente 1.097  
CEP: 01278-904 - Barra Funda  
São Paulo-SP  
Tel.: (11) 3611-3000  
Fax: (11) 3611-3338  
Telefax: (11) 4613-2344  
FAX vendas: (11) 3611-3258  
Aendimento ao Professor: (11) 3613-3000  
E-mail: [www.editorasaraiva.com.br](mailto:www.editorasaraiva.com.br)  
E-mail: [centprod@editorasaraiva.com.br](mailto:centprod@editorasaraiva.com.br)

**Revendedoras Autorizadas**

Araçatuba: (13) 211-8262/213-7736  
Bauri: (13) 234-5643/234-7401  
Bauri: (13) 232-8034/234-9188  
São Horizonte: (13) 412-7080/412-7085  
Bauri: (13) 344-2809/344-2951  
Campinas: (13) 313-3004/313-4059  
Campo Grande: (13) 792-3882/792-0112  
Cuiabá: (13) 323-5372  
Curitiba: (13) 332-4894  
Florianópolis: (13) 41-244-2748/248-6796  
Fortaleza: (13) 323-2232/323-1384  
Goiânia: (13) 323-2232/323-2906  
Gurupá: (13) 312-4569/312-4547  
Imperatriz: (13) 321-2238  
João Pessoa: (13) 341-7985/341-3388  
Juiz de Fora: (13) 311-4057  
Londrina: (13) 332-8546  
Maceió: (13) 338-2121/338-1111  
Marília: (13) 333-4227/333-4732  
Maringá: (13) 332-4465  
Natal: (13) 341-3897  
Petrópolis: (13) 245-3211/245-1153  
Ponte Preta: (13) 343-4677/343-7363  
Povoação: (13) 323-2783  
Recife: (13) 421-4248  
Ribeirão Preto: (13) 319-610-5643  
Rio Branco: (13) 323-7740  
Rio de Janeiro: (13) 274-4434  
Salvador: (13) 381-8647/381-5656  
Sorocaba: (13) 323-2232/323-2725  
São José do Rio Preto: (13) 327-0982  
227-0818  
São José dos Campos: (13) 321-0732  
São Luís: (13) 313-143-0303  
Teresina: (13) 321-3588  
Uberlândia: (13) 341-345-1492/345-6555  
Varginha: (13) 323-2232/323-2724  
Vitória: (13) 323-3323

LIVRO Nº 18  
ANO: 1999



Figura 19 - Capa do livro Saber e Fazer História : História Geral e do Brasil ( 7ª. Série) Gilberto Cotrim. São Paulo : 1ª. edição. Editora Saraiva, 1999.



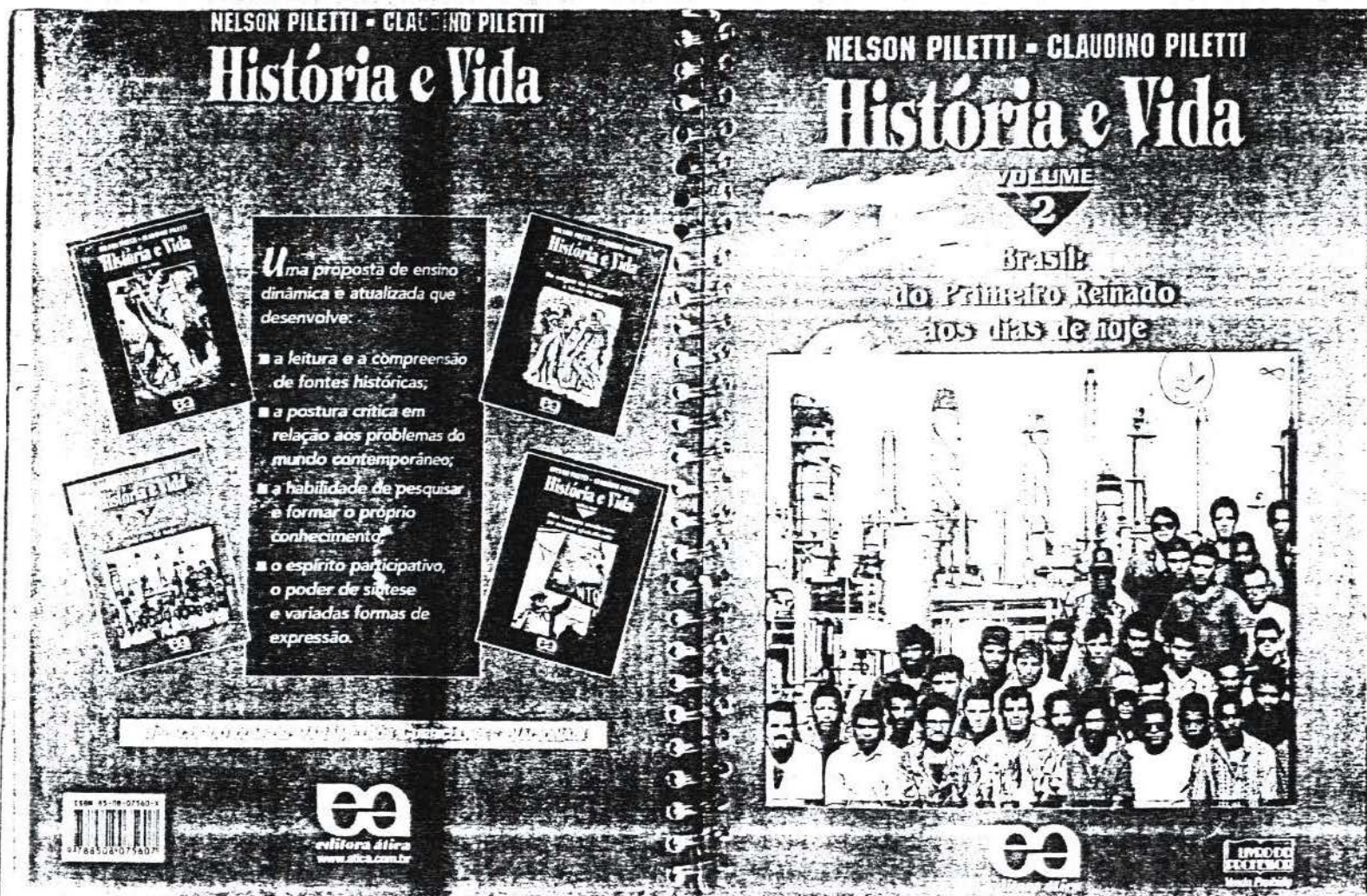


Figura 20 - Capa do livro História e Vida (6<sup>ª</sup>. Série) Nelson Piletti, Cláudio Piletti. São Paulo : 16<sup>a</sup>. edição. Editora Ática, 2000.



## HINO NACIONAL

Letra: OSÓRIO DUQUE ESTRADA  
Música: FRANCISCO MANUEL DA SILVA

I  
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heróico o brado retumbante,  
E o sol da liberdade em raios fulgidos,  
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade  
Conseguimos conquistar com braço forte,  
Em teu seio, ó Libertador,  
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido  
De amor e de esperança à terra desce,  
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,  
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,  
És belo, és forte, impávido colosso,  
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

II  
Deitado eternamente em berço esplêndido,  
Ao som do mar e à luz do céu profundo,  
Fulguras, ó Brasil, florão da América,  
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores,  
"Nossos bosques têm mais vida",  
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo  
O labaro que ostentas estrelado,  
E diga o verde-louro desta fâmula  
— Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se arques da justiça a clava forte,  
Verás que um filho teu não foge à luta,  
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

**FALTA DE INFORMAÇÃO PODE MATAR.  
PERGUNTE AOS SEUS PAIS E PROFESSORES  
COMO EVITAR A AIDS.**

NELSON PILETTI • CLAUDIO PILETTI

7ª série

HISTÓRIA & VIDA

83

NELSON PILETTI  
CLAUDIO PILETTI  
**HISTÓRIA  
& VIDA**

7ª série

De acordo com a proposta curricular de MINAS GERAIS



Livro do Professor e Venda Proibida



FNDE

MINISTÉRIO  
DA EDUCAÇÃO



EDUCAÇÃO

0343-3

M

**EDIÇÃO  
ESPECIAL**

Figura 20 - Capa do livro História e Vida - (6ª. Série) Nelson Piletti, Cláudio Piletti. São Paulo : edição especial. Editora Ática, 2000.





Figura 21 - Capa do livro História Novo Ensino Médio - Divalte Garcia Figueira. São Paulo : 1ª. edição. Editora Ática, 2002.